Animatógrafo

DIRECTOR: ANTÓNIO LOPES RIBEIRO



Um lindo sorriso de Leonor Maia, a estreante da comédia «O PAI TIRANO», produção. António Lopes Ribeiro, cujas filmagens se iniciam hoje

2.ª SÉRIE — N.º 35 — PUBLICA-SE ÀS SEGUNDAS-FEIRAS — LISBOA, 7 DE JULHO DE 1941 — PREÇO: 1$50

RITA Hayworth BAILA...





Carpeaux fez uma obra de arte ao criar o seu famoso grupo escultórico «A Dança». Que maravilha não produzirá o escultor que procurar em Rita Hayworth o modêlo para novas interpretações da arte de dançar!





2.ª série / N.º 35 / Preço 1$50

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO na sede provisória, R. do Alecrim, 65, Telef. 29856. Composto e impresso nas Oficinas gráficas da EDITORIAL IMPÉRIO, LDA. — R. do Salitre, 151-155 — LISBOA — Telef. 4 8276 Gravuras da FOTOGRAVURA NACIONAL - Rua da Rosa, 273

Animatógrafo

Director, editor e proprietário: ANTÓNIO LOPES RIBEIRO

7 de Julho de 1941
PREÇOS DA ASSINATURA
Ano . . . . 78$00
Semestre . . . . 39$00
Trimestre . . . . 19$50

Distribuidores exclusivos: EDITORIAL ORGANIZAÇÕES, LIMITADA — Largo Trindade Coelho, 9-2.º (Telef P. A. B. X. 27507) — LISBOA

COMEÇAM HOJE AS FILMAGENS DE «O PAI TIRANO»

UMA COMÉDIA PRODUZIDA E REALIZADA POR ANTÓNIO LOPES RIBEIRO, COM **VASCO SANTANA** E **RIBEIRINHO** NOS PROTAGONISTAS

Cinema e cinéfilos portugueses devem estar hoje em festa: começaram as filmagens do «Pai Tirano», primeira fita das «Produções António Lopes Ribeiro». Quere isto dizer que começou em Portugal a produção contínua de filmes sonoros, necessidade porque há tanto tempo nos batíamos, ambição que o público — o público que correu sempre que o chamaram tanto tempo esperou para ver satisfeita.

É tão vasto o significado do facto de se começar a produção contínua que um rápido balanço das conseqüências que daí derivarão chegava para uma série de suculentos artigos. Basta dizer-se que não há qualidade sem treino, sem instrução técnica e que esta só se adquire quando pelo trabalho contínuo se vão aperfeiçoando, sem desaprender nas pausas, as qualidades das equipas técnicas. Tôda a qualidade da produção portuguesa — que não é tão baixa como alguns querem, vai agora subir por acabarem as síncopes que constantemente matavam todo o balanço adquirido pela nossa produção. Basta dizer-se que sem continuïdade era impossível criar — além de quadros técnicos treinados — um grupo de intérpretes, comparsas e figurantes «cinematográficos» de valor.

Sem produção contínua nunca o cinema português ocuparia o lugar a que tem direito junto do público que jamais teria oportunidade para se «habituar» às fitas portuguesas. Só a producão contínua, melhorando a qualidade, desemperrando as equipas, alargando os mercados vai permitir que o Cinema português viva, respire, seja alguém.

E estamos todos, por isso, de parabéns: começou a filmar-se «O Pai Tirano», vai haver produção contínua, vai haver Cinema Português!

Novos métodos, novas perspectivas

Tudo até aqui se passou como se o Cinema português, sem saber nadar, lutasse desesperadamente para não morrer afogado. Volta e meia esbracejava vinha à superfície, mas ràpidamente à custa dum esfôrço que só valia momentâneamente pois tudo tinha de se sepultar logo em seguida. E não se avançava. Era tudo inglório.

Trata-se agora de flutuar regularmente, nadando em boas braçadas, com a respiração normal. O método não vai ser esbracejar — a perspectiva que se nos depara não pode ser ficar sempre no mesmo sítio, ora acima, ora abaixo — mas sim avançar regularmente.

Tudo na produção fraccionada e hesitante se prendia num horrível círculo vicioso. Todos eram chamados a fazer milagres porque eram obrigados a improvisar — e era necessária a improvisação porque as possibilidades diminuiam com o custo do arranque e era preciso arrancar sempre que se queria produzir. E dos «milagres» e das possibilidades diminuídas nasciam os soluços da produção.

Para produzir é indispensável instalar a fábrica. Métodos novos: a «Produção A. L. R.» começou por organizar um quadro completo de serviços, escolheu um por um os seus colaboradores ajustados todos às suas melhores aptidões e às necessidades de trabalho. Tudo tende para uma perfeição de organização sem a qual não haveria rendimento industrial, nem produção contínua, nem Cinema.

Conjugar o rendimento industrial com a qualidade artística

Não virá, dirão, uma preocupação comercial ou industrial prejudicar a qualidade artística dos filmes produzidos? O problema tem sido várias vezes pôsto assim e até, alguns lhe têm tentado responder. Há, porém, um êrro fundamental: é que o problema não se põe nestes têrmos. Qualidade artística não é antagónica de qualidade industrial, muito pelo contrário. Quanto mais qualidade tiver um filme mais condições tem de aumentar o seu valor industrial. Quando um filme de alta qualidade artística obtém menos êxito que outra obra inferior é que novos factores intervêm no caso. Porque em igualdade de circunstâncias o melhor ganha.

Portanto, numa organização em que com vistas largas se encare o sentido industrial, um dos lemas será, exactamente, defender a qualidade artística.

É certo que já por vezes se

(Cont. na pág. central)



Disseram ao Lemos que o Vasco e o Ribeirinho eram caixeiros da secção de sapataria do Grandela — e êle fez êste boneco

As primeiras fotografias do filme «PUREZA» CHEGADAS A PORTUGAL



A actriz portuguesa Sarah Nobre numa cena de suave melancolia com Sonia Oiticica



Um formosíssimo exterior em que intervêm Nilza Magrassi e Sonia Oiticica — duas excelentes revelações

José Lins do Rêgo, um dos grandes valores da literatura brasileira, é autor duma importante série de romances de categoria, entre os quais se destacam «Pureza», «Riacho Dôce», «Pedra Bonita» e «O Moleque Ricardo».

«Pureza» era exactamente o que reünia mair soma de dificuldades para uma adaptação cinematográfica. Adhemar Gonzaga, notório produtor de filmes brasileiros, resolveu justamente transpô-lo para o celulóide, visto interessar-lhe o romance, onde encontrou bastos motivos que dariam curiosas e empolgante cenas.

Foi — como é do domínio público — o realizador Chianca de Garcia encarregado de dirigir o filme, a que «Animatógrafo» já tem feito várias referências. Aquilino Mendes teve a seu cargo a parte fotográfica e Fernando de Barros cuidou do trabalho de maquilhagem e assistência.

São de «Pureza» as fotografias que ora publicamos. Neste filme, que tem momentos de grande intensidade dramática, como todo o episódio da cachoeira, interpretado com vigor pelo negrinho Joca — uma revelação — encontramos um excelente núcleo de artistas, à cabeça dos quais está Procópio, o inesquecível Procópio de «Deus lhe pague» e do «Trevo de 4 fôlhas».

Veremos ainda em «Pureza» — e empregamos aqui o futuro porque êste filme de Chianca há de ser exibido entre nós — uma das primeiras actrizes do teatro brasileiro: Conchita de Morais, a actriz portuguesa Sarah Nobre, as actrizes de cinema Sonia Oiticica e Nilza Magrassi e os actores Roberto Acácio e Sérgio Serrano.

Como o próprio romancista José Lins do Rêgo declarou à Imprensa do seu país, da sua obra literária foi extraída a sua essência puramente cinematográfica, sem que a ideia base sofresse alteração.

Estas fotografias decerto aguçarão a curiosidade do leitor para admirar o trabalho de Chianca de Garcia.



À esquerda — *O pretinho Joca e a actriz Conchita de Morais, um dos grandes nomes da cena brasileira.*

À direita — *Os protagonistas do filme: Sérgio Serrano e Sonia.*



GRAÇA MARIA ENVIOU FOTOS AUTOGRAFADAS AOS SEUS ADMIRADORES

«Animatógrafo» já deu a notícia.

Mas, hoje, informa os seus leitores que centenas de fotografias de Graça Maria, autografadas pela própria, já foram expedidas pelo Serviço de Publicidade da Produção António Lopes Ribeiro endereçadas aos admiradores da simpática estrelinha que lhe escreveram nesse sentido. Como se sabe Graça Maria encontra-se contratada por António Lopes Ribeiro para os dois primeiros filmes da nova entidade produtora, «O Pai Tirano» e «O Pátio das Cantigas».

Graça Maria que cativou a simpatia do público português na sua interpretação da Maria da Graça do «Pôrto de Abrigo» tem em «O Pai Tirano» o papel de Gracinha que lhe dá ensejo de patentear com maior exuberância a sua natural inclinação artística.

Graça Maria é dentro do Cinema Português um dos casos mais curiosos que têm aparecido.

Muito antes da estreia do seu primeiro filme já centenas de cartas, lhe chegavam às mãos, de admiradores que lhe solicitavam fotos desejando um grande êxito para o seu trabalho. E isto tudo apenas pelas fotografias que «Animatógrafo» publicou nessa altura.

O seu rosto e o seu sorriso tão portugueses, entusiasmaram de tal maneira os cinéfilos nacionais que não hesitaram, mesmo antes de a ver na tela, em lhe pedir fotos autografadas. A satisfação dêsses desejos, não foi por motivos vários, realizada na devida altura. E só agora que Graça Maria é uma contratada da Prod. A. L. R. se enviaram as fotos pedidas.

Assim, verifica-se que a Prod. A. L. R. procura atender e satisfazer todos os pedidos daqueles que se interessam pelas artistas que tem sob contrato.

Hoje, em todo o país, centenas de pessoas se encontram possuidoras de fotos autografadas de Graça Maria uma das mais encantadoras artistas do Cinema Português.

Continua, com grande actividade, a inscrição no Serviço de Selecção de Intérpretes das Produções António Lopes Ribeiro

Prossegue, na redacção de «Animatógrafo», a entrega das senhas numeradas para a inscrição no Serviço de Selecção de Intérpretes da Produção António Lopes Libeiro.

Encontram-se já inscritas centenas de pessoas cujo cadastro já se encontra devidamente elaborado.

Nesta firma terão já trabalho, dentro de dias, muitos dos inscritos, visto iniciarem-se hoje as filmagens da primeira produção António Lopes Ribeiro «O Pai Tirano».

Os actores de Cinema

Aqueles que já trabalharam para o cinema, os que enfrentaram a câmara e os micros e sentiram sôbre a pele a actuação forte dos projectores e da maquilhagem podem também inscrever-se no Serviço de Selecção de interpretes da Prod. A. L. R.

Compreende-se a conveniência que há em se encontrarem inscritos no S. S. I. visto que UNICAMENTE OS INSCRITOS NO S. S. I. SERÃO CHAMADOS A FIGURAR NOS FILMES DA PRODUÇÃO ANTÓNIO LOPES RIBEIRO.

Os actores de Teatro

Não foi em vão que «Animatógrafo» aconselhou os nossos actores de teatro a inscreverem-se no Serviço de Selecção de interpretes da Prod. A. L. R. e demonstrou as vantagens de o fazerem prontamente.

De facto, o sistema de ficheiros selectivos usado pelo S. S. I. — que não é mais, embora em escala reduzida, que o sistema usado no General Casting Bureau de Hollywood — permite escolher os intérpretes necessários consoante as exigências dos papeis, o que é o segrêdo duma distribuição, elemento fundamental dum êxito.

Muitos actores profissionais de teatro, alguns de grande categoria, têm acorrido à sede da Prod. A. L. R. onde já se estão organizando cêrca de 800 fichas.

Para facilitar, e atendendo ao facto de já haver inscrições marcadas até ao dia 20 dêste mês, OS ARTISTAS DE TEATRO PODEM DIRIGIR-SE DIRECTAMENTE À ALAMEDA DAS LINHAS DE TÔRRES, 157, DAS 17 ÀS 19 HORAS, ONDE BASTARÁ QUE MOSTREM O SEU CARTÃO DO SINDICATO NACIONAL DOS ARTISTAS TEATRAIS PARA SEREM IMEDIATAMENTE RECEBIDOS.

Aos nossos leitores

«Animatógrafo» encontra-se satisfeito com o facto de parte dos seus leitores terem acorrido prontamente a inscreverem-se no S. S. I., mas lembra que há a maior conveniência para aqueles que ainda o não fizeram, em o efectuar o mais ràpidamente possível.

Não se esqueçam que são precisos os mais variados tipos e portanto não hesitem inscrevam-se no S. S. I. da Prod. A. L. R. que está realizando um vasto plano de trabalho que é nada mais, nada menos do que a produção contínua de filmes portugueses.



«Lobos da Serra»

Os «Lobos da Serra» desceram ao povoado. Quere isto dizer que vieram da Peneda e regressaram à cidade, queimados pelo Sol e pelo ar puro do Norte. Acabou o trabalho, terminaram as filmagens. Terminou o receio do mau tempo e os intervalos em que o Brum do Canto andava a pescar trutas.

Agora, o celulóide impressionado vai a banhos. Banho de revelação, banho de positivação. Depois de ter sido pôsto de môlho, como o bacalhau, vai ser cortado às postas. «Lobos da Serra» vão seguir na esteira de «Ala, Arriba!», que já entrou em montagem.

Jorge Brum do Canto está satisfeito com a pesca. Com a pesca que fez de interpretes, compreenda-se. Todos êles cumpriram, todos êles satisfizeram. Mas estará totalmente satisfeito o autor de «Lobos da Serra!? Quem o pode dizer? Os autores de qualquer coisa nunca estão contentes — excepção feita dos papás, que ficam muito babados mesmo quando apenas criaram um mostrengo.

Temos aqui à mão o exemplo de César de Sá que, enquanto todos lhe elogiam a fotografia, fica desgostoso porque determinado golpe de luz o não satisfaz. Os artistas são sempre exigentes, de facto...

Artistas exigentes? Que ideia! Recorre-se ao antídoto dr. Rodrigues Pinto e está o assunto arrumado.

Enfim! depois de muitas canseiras, de muitas arrelias, de muitos sacrifícios, de muitas coisas que destroem a lenda de que o cinema é uma espécie de divertimento, os «Lobos da Serra» vão ser submetidos à tesoura do montador.

O montador do filme é o próprio realizador, auxiliado pelo seu assistente Perdigão Queiroga — que é o homem dos sete ofícios.

Na fotografia acima, apresentamos um aspecto da filmagem de «Lobos da Serra». Jorge Brum do Canto, junto à câmara de filmar, escolhe um enquadramento.

Por detrás dêle, de capacete colonial e óculos escuros, o seu assistente Fernando Garcia que, apesar de muito bem disfarçado, foi logo desmascarado aqui na redacção.

Que os «Lobos cresçam e apareçam — são os nossos votos.

A PÁGINA DOS NOVOS

A inolvidável Lilian

As primeiras palavras dêste artigo deviam ser de protesto a todos os cinéfilos, especialmente aos cinéfilos da Velha Guarda que, lamentàvelmente e, incompreensìvelmente, não se deslocaram ao aeródromo de Sintra a cobrir de flores a inolvidável vedeta de «A Casta Susana», Lilian Harvey.

É certo que, a encantadora Lilian, ficou muitíssimo bem impressionada com a recepção do que foi alvo por parte dos jornalistas, em cujo número se poderiam contar alguns cinéfilos da velha guarda. A intressante intérprete de «O Caminho do Paraíso», não escondeu até a sua esfusiante alegria e grande contentamento para com a imprensa portuguesa que a deixou, segundo afirmou, assombrada com a rapidez da reportagem que lhe dizia respeito; ficando igualmente muito satisfeita com os jornalistas que não foram indiscretos no que diz respeito a preguntas de carácter «da sua vida íntima».

Porém, como foi de notar e, certamente de surpreender, foi a ausência dos cinéfilos que, ao contrário, seria de inteira justiça acolhessem e envolvessem numa verdadeira apoteose cinéfila essa delicada figurinha de Saxe, essa pequena engraçada, animada, deliciosamente cabotina e que foi a protagonista de tantos filmes, que ficam célebres e que fizeram as delícias dos cinéfilos de antanho.

Lilian, que nas suas películas interpretava tão a carácter os papéis de rapariga estouvada e que com uma graça tão sua brincava com o amor e o troçava, foi uma das artistas que mais admiradores conquistou no público português.

Na verdade, Lilian com o seu ar agarotado, era bem a menina bonita das nossas plateias.

Todos gostavam dela — e todos os seus filmes agradavam. Os cinéfilos de então diziam «a minha Lilian», como hoje ingènuamente se diz «a minha Deanna» ou «a minha Ginger»...

Mas o cinéfilo é ingrato e breve esquece os seus ídolos! Foi esta a suprema razão que me levou a escrever algo àcêrca de Lilian, inùtilmente convencido que pagaria uma dívida e resgataria assim as ingratidões dos cinéfilos insensíveis.

Recordo então «A Casta Susana», onde a trepidante vedeta ostentava um encantador «travesti» de marujo, que lhe assentava como uma luva. Outros filmes se seguiram e em cada um a simpática estrêla das lindas operetas cinematográficas contava nova vitória.

Enumerar porém aqui tôdas as películas seria tarefa bastante difícil, pois a vedeta de «O Caminho do Paraíso», conta no seu activo um enorme lote de filmes. Recordo, no entanto, os que me ocorrerem de momento.

Depois de «A Casta Susana» rememoro ainda as fitas «Qual das Duas», onde Lilian tinha por parceiro Harry Halm, desempenhando a raínha da opereta cinematográfica a difícil tarefa de incarnar duas personagens diferentes. Em «Paternidade Inesperada» patenteou também as suas notáveis faculdades de grande comediante, desempenhando o papel duma jovem americana doida pela música. «Se deres o teu Coração», foi também uma fita belíssima, onde Lilian revelou o seu delicioso charme. «O Sinalzinho Preto», bela comédia com Willy Fristsch, seu parceiro predilecto, e Siegfried Arno, o excelente cómico que veio a Portugal para actuar no filme «Gado Bravo».

Depois daquela série de fitas verdadeiros padrões do cinema mudo, a famosa artista interpretou «O Caminho do Paraíso», a sua película mais bela e a mais linda opereta cinematográfica que passou nas telas de Portugal.

«A Valsa do Amor» com Willy Fristch, «Às Ordens de Vossa Alteza», filme que inaugurou os espectáculos sonoros do Central, são também fitas memoráveis.

Depois de interpretar «A Imperatriz e eu», com Charles Boyer, Lilian atravessa o Atlântico e envia-nos da Cinelândia as películas «Os meus lábios negam», «O meu fraco» e «Eu sou Susana», filmes estes que agradaram completamente.

O último filme de Lilian que vimos nas nossas telas foi «Rosas Negras», mas a vedeta que foi a glória do cinema europeu continua em plena actividade no campo cinematográfico, conforme informou os jornalistas.

Para os cinéfilos portugueses é sempre a inolvidável Lilian, porque é ainda a verdadeira imagem dum dos mais belos períodos que o cinema nos deu e que nos deliciou com as mais lindas e encantadoras novelas de amor desenroladas nesses reinos que não constavam dos mapas geográficos, mas que nos faziam viver embalados em sonhos côr de rosa nas salas obscuras de Portugal.

JOSÉ MAGALHÃES CASTELO

Cinema na província

1.º episódio — Quando me apetece ver um filme em que, por exemplo, a Deanna tenha a idade de 15 anos, vou ao cinema da progressiva (!) cidade que, com o Pôrto por capital, forma a Província do Douro Litoral e os meus desejos serão satisfeitos. Quero dizer que, se tenha visto alguma película que me tivesse agradado há 4 ou 5 anos e sinta desejos de a apreciar passado tão longo prazo de tempo, não tenho mais do que esperar a sua estreia na casa de espectáculos a que me refiro. E nos programas lá vem: «Domingo, no Cine-Clube, exibição do recente (?) filme X interpretado por A, B e C. Uma verdadeira obra-prima do Cinema actual (!)». Felizmente, de vez em quando, há excepções.

2.º episódio — Tomando ainda para exemplo um filme de Deanna, depois de o ter visto num bom Cinema, parece-me, exibido na dita cidade, um outro completamente diferente.

Se acaso na primeira vez o filme me tinha agradado, na segunda procuro em vão os motivos de agrado que achei primeiramente. E então penso com os meus botões que, com certteza, os meus gostos estavam estragados na ocasião em que achei naquele filme alguns merecimentos. Feliz ou infelizmente, como queiram, não era o que pensava. O motivo era diverso. Ora vejam: o aparelho sonoro era uma autêntica fábrica de assobios; a fotografia do filme ora nos aparecia escura, ora clara devido a desfocagens contínuas; a fita partia freqüentemente; o som faltava e nós tínhamos que nos contentar com as legendas e, uma vez por outra, lá se ia a luz!!!...

A culpa deve ser dos projeccionistas cuja escolha devia ser feita com critério para bem do público e também dos empresários que depois se queixam que o espectador cinematográfico vai rareando sensìvelmente.

3.º episódio — A casa de espectáculos desta terra é uma autêntica vergonha. Imaginem os leitores um barracão composto exteriormente de madeira e lata e interiormente de tela! Um ligeiro fôrro faz-nos suportar lá dentro uma temperatura de 0° ou de 20° quando na rua é de, respectivamente, zero e vinte graus! Quanto a lugares temos: geral, cadeiras e balcão.

Geral — bancos portáteis com uma lotação que varia de 4 a 10 pessoas (conforme elas são gordas ou magras!), sendo a parte do assento formada por 3 ripas de madeira paralelas com um espaço intervalar de uns cinco centímetros...

Cadeiras — 14 filas com cadeiras de madeira tão espaçosas que estando uma fila cheia não passaria um mosquito por entre duas pessoas sentadas seguidamente. Quanto ao intervalo de fila para fila é o bastante para uma pessoa, quando acabar a sessão, trazer nos joelhos a marca da madeira pertencente à fila anterior à que estava. E o fim é quando (como já tem acontecido e eu tenho presenciado) o fundo das pseudo-cadeiras não resistir à pressão dum corpo que, inconscientemente, se deixa repousar à vontade e sem receio pela solidez das mesmas.

Balcão — Um tablado superior com largura para duas filas. Cadeiras semelhantes às da platéia. Vidé, parágrafo Cadeiras.

*

Reparem bem nestes 3 episódios e digam-me da vossa justiça. Deixo-vos os comentários.

Expus simplesmente a situação dalguns cinéfilos duma parte da província que, se quiserdes, não se oporão a confirmar as minhas palavras. O que nos vale é que temos uma cidade relativamente perto aonde vamos, uma vez por outra, saciar a nossa sêde de ver Cinema com C grande.

OUBLI

Mais alvitres...

Porque não se focam no cinema português os nossos defeitos, lançando ao mesmo tempo nos filmes que os focassem alvitres ou sugestões para se relevarem êsses êrros, como fazem os americanos?

Porque se não mostra num filme nacional, a vida dêsses humildes ardinas que de manhã e à noite percorrem lestos, incansáveis, as ruas da capital apregoando: — «Século»... «Ó Diário»...

Não seria um meio de enaltecer a nação mostrar os seus defeitos e ao mesmo tempo, a maneira de os remediar?

Mostrar como êles se remedeiam já! Mostrar a maneira como o Estado executa isso, tirando duma vez para sempre, da mente de muitos portugueses falsas e erradas noções.

Não seria possível também, com o auxílio do cinema, educar um pouco essa mocidade infeliz que não possui ninguém que os acarinhe e lhes indique o caminho a seguir?

Por exemplo: uma personagem dum filme apontaria aos personagens que representassem na tela essa mocidade que se queria educar, o verdadeiro caminho, o do bem, mostrando-lhes os erros que outra qualquer roda lhes faria cometer.

Observarão:

— Mas aqueles a quem êsses filmes seriam dedicados não es-

(Conclui na pág. 18)

PANORÂMICA

Ernesto de Sá Fragoso †

Todos os que trabalham no «Animatógrafo» se associam à profunda dôr do nosso querido amigo e colaborador Fernando Fragoso, pelo falecimento de seu pai, Ernesto de Sá Fragoso.

O extinto era funcionário superior da Assitência Nacional aos Tuberculosos, e nascera em Agueda, no ano de 1881. A morte levou-o inesperada e sùbitamente, aos 60 anos, o que veio aumentar ainda, se é possível, o pesar causado pela sua desaparição.

As suas qualidades de trabalho e de carácter têm, felizmente, no seu filho, quem saiba honrá-las como êle lhe ensinou.

Paz à sua alma, que bem soube merecê-la.

Aquilino Mendes

O operador cinematográfico Aquilino Mendes anuncia-nos que se associou à Ulissea-Filmes.

Esta decisão foi tomada em conseqüência das circunstâncias actuais que obrigariam, inevitàvelmente, os laboratórios a aumentar os preços, o que não traria benefícios. Associados Aquilino Mendes e José Nunes das Neves, há possibilidade de reduzir as despesas e, conseqüentemente, de não aumentarem as suas tabelas.

Achamos simpática a decisão tomada por aqueles cinematografistas, que assim demonstram acreditar que só a união faz fôrça.

E, como o cinema nacional muito deve ao zêlo e competência de Nunes das Neves e de Aquilino Mendes, daqui lhe apetecemos o maior dos êxitos.

A segunda festa do «Clube»

O «Clube do Animatógrafo» vai organizar a sua segunda festa, que terá lugar, como a anterior, no cinema do Palácio das Exposições do Parque Eduardo VII, gentilmente cedido ao nosso Clube pela Câmara Municipal de Lisboa.

O êxito da primeira está na memória de todos — êxito de assistência e de programa, constituido pela exibição de alguns filmes antigos, mudos e sonoros, entre os quais a reposição integral de «O Caminho do Paraíso», com Lilian Harvey e Henry Garat.

O programa que estamos organizando, com a colaboração do nosso camarada Vitor Lopes, em nada ficará a dever ao anterior. Anunciá-lo-emos brevemente.

Deveres dos sócios

E, já agora, uma ligeira reprimenda:

Raros são os sócios do «Clube» que assinam o «Animatógrafo». Ora isto não nos parece justo.

É claro que todos êles o compram tôdas as semanas. Mas não é a mesma coisa. Lá diz o ditado: Candeia que vai à frente...

Estamos na quadra rigorosa de verão, em que o calor derrete a publicidade, que diminui consideràvelmente, como sucede a tôdas as coisas que se derretem... «Animatógrafo» não modificou nem modificará a sua cadência, continuando a aparecer tôdas as segundas-feiras mesmo durante os meses estivais. Mas não lhe calhava nada mal, atendendo aos sacrifícios que o aumento e a escassez constante dos materiais lhe impõem, que os seus amigos o auxiliassem na medida do possível.

E como os sócios do «Clube» são, certamente, os seus melhores amigos, daqui

(Conclui na pág. 18)

Necessidade do Êxito

Numa entrevista que concedeu em Lisboa a Fernando Fragoso para o semanário espanhol «Primer Plano», o grande Louis Jouvet declarou que, no Teatro, só havia uma verdade: o êxito.

E em Cinema? Não será exactamente a mesma coisa?...

Vamos ainda mais longe: o êxito é a razão de ser, a própria essência de qualquer Espectáculo. Por isso a missão de todos os que intervêm no Espectáculo, desde o Autor ao Espectador (que também intervém, e de que maneira!), passando por todos os intermediários — técnicos, artistas e artífices — é procurá-lo através de tudo, contra tudo e contra todos, sem preconceitos nem receios.

E a verdade é que, vistas as coisas como elas são e não como há quem pretenda apresentá-las, todos o procuram, seja qual fôr o processo e o caminho que escolheram para o alcançar.

Desconfiai dos autores que vos dizem, com um ar modesto que se parece muito com a vaidade: — Eu sei que não vou fazer êxito, mas não me importo...

Não sabe nada e importa-se tal! Não sabe — porque o êxito não se prevê nunca, pelo menos na medida em que surge, podendo apenas sentir-se, adivinhar-se, «cheirar-se», como se uma vòzinha interior nos segredasse: — Prossegue assim, que vais bem. Importa-se — porque, se não se importasse, nem lhe valia a pena correr o risco de o obter, hipótese que qualquer autor admite sempre, o que é justíssimo, mesmo quando desdenha aparentemente dêle.

Não se conhecem fórmulas para conseguir o Êxito, êsse deus esquivo e arreliador, que espera, ofegante, atrás duma esquina, os felizardos a quem vai aparecer, com cabriolas e sorrisos. E quando, um dia, alguém supõe que descobriu uma, ou que a inventa, logo acontece êste fenómeno estranho: a «fórmula» nunca mais serve, pelo menos capazmente, pois só pode «pegar» uma vez. E há que descobrir ou inventar outra para a próxima. Os que insistem, sistemàticamente, muito convencidos que descobriram um filão inesgotável, ficam muito surpreendidos quando o êxito se furta à primeira insistência, e declaram, desolados: — Já não percebo nada disto. Fiz exactamente a mesma coisa que da outra vez e foi um fracasso. Vão lá entendê-los!...

Dizendo «entendê-los» referem-se ao público, aos espectadores, cujos caprichos e versatilidade condenam, lamuriando. E dizendo «Já não percebo nada disto» pecam por presunção porque a verdade é que «nunca» perceberam nada daquilo.

Os que assim procedem lembram aquêles jogadores infelizes que aparecem às vezes nos casinos com algum dinheiro e um papelinho onde anotaram uma «martingale» infalível. Os patetas ganham ao primeiro lance, às vezes ao segundo. Mas quando perdem logo a seguir, ao terceiro, ficam com a cara que lhes é própria (a de parvo) e sem vintém.

Quem concluir de todo êste arrazoado que não vale a pena procurar o êxito, desde que êle só aparece imprevistamente, a quem muito bem quere e entende, servido pela inconstância e leviandade permanentes e inevitáveis do público — lavra em êrro gravíssimo que procuraremos evitar, esclarecendo o nosso ponto de vista.

Diremos do êxito o que, há algumas semanas e neste mesmo lugar, dissemos da sorte: pode merecer-se ou não. E para o merecer, isso sim: existem fórmulas seguras, velhas receitas provadas, onde a honestidade, a originalidade, a competência, o amor à coisa fabricada, o espírito de colaboração, a confiança e a fé entram como ingredientes principais.

E como o êxito, para uma indústria que começa, é um género de primeira necessidade, daqui o desejamos, de todo o coração, aos filmes que se estão fazendo, nossos ou alheios.

Merecê-lo — todos êles o merecem. E merecem-no porque são produtos indiscutíveis de fé, de confiança, etc.

Se, por acaso, faltar aqui ou ali algum dos ingredientes que apontámos, esperemos que não seja por isso que as fitas na forja não alcancem o almejado e desejado êxito, tão necessário ao Cinema Português nascente.

Que todos os que nelas colaboram o procurem, como dissemos de começo, através de tudo, contra tudo e contra todos, sem preconceitos nem receios.

Porque o êxito é um sujeitinho emproado, que embirra com quem lhe não liga importância.

ANTÓNIO LOPES RIBEIRO

AS GRANDES FIGURAS DO CINEMA CONTEMPORANEO

WILLIAM WYLER



WILLIAM WYLER

A personalidade do realizador de «Veneno Europeu» e «Monte dos Vendavais» vista por AUGUSTO FRAGA

O cinema nasceu no século vinte e é uma arte muito especial com poucos pontos de contacto com as artes clássicas. É uma arte fabricada com máquinas, uma arte química que quási se confunde com a indústria de imprimir bonecos em série em tiras de celuloide. É, em suma, uma arte que só revelou a sua emoção e o seu valor quando enriqueceu. Os seus cultores são bem diferentes dos das outras artes. Não vivem de uma «fome clássica», ostentando gravatas reveladoras de génio. Não têm as botas rotas ou freqüentam uma pensão triste e dormem num quarto exíguo sem porta para a escada. Não. Os realizadores cinematográficos habitam confortáveis casas. Jogam na Bôlsa. Possuem milhões. E vivem uma vida cheia de tédio e de «smokings» sem a boa alegria tradicional de uma noite de pândega no «atelier» dum génio fruste com modelos e raparigas acessíveis.

Mas a verdade é que, apesar disso, apesar da sua boémia milionária, muitas das suas obras são verdadeiras obras de arte. Sem serem como os pintores, os poetas, os músicos que morrem de fome genial e pensam dormir debaixo de pontes tendo um soneto na bôca em vez de um pedaço de pão — muitos homens de cinema são verdadeiros artistas que satisfazem as almas dos que pronunciam a palavra «arte» à maneira antiga.

René Clair, Charlie Chaplin, Walter Ruttmann, King Vidor, Sam Wood, William Dieterle, Capra, William Wyler, os realizadores ignorados das actualidades cinematográficas e os magos omnipotentes dos desenhos animados, já provaram que o cinema também é acessível ao génio. Voluntàriamente, não nos abandonamos sequer na invocação risonha do futuro. Basta-nos o presente para assegurar cônscios de uma verdade inabalável que o cinema guarda em si tôdas as condições de um verdadeiro espectáculo — tôdas as possibilidades de uma autêntica arte.

Desde os tempos de David Wark Griffith — o mestre inesquecível de «Intolerância» — muitos nomes têm surgido como autores de filmes. São raros, porém, aqueles que conseguiram esquivar as flutuações da sua cotação no mercado, regulado pelo favor popular, e que evitaram o naufrágio depois de uma actualidade mais ou menos efémera. A luta pela supervivência profissional confunde-se, em verdade, com a luta do cinema por ideal: o ritmo. O ritmo, no «ecran», não é o simples movimento nem o simples e difícil equilíbrio das imagens, mas sim um sôpro vital, aéreo, que infunde de calor interno. Tem havido películas de uma grandeza superior, de uma extraordinária fôrça dramática e de uma surpreendente originalidade, que fracassam. Não sabemos, porém, de nenhuma que, possuindo êsse elemento subtil e precioso, que é o ritmo, tenha merecido a indiferença de um verdadeiro cinéfilo.

Como se alcança o ritmo? Como se define no segrêdo dos estúdios e dos laboratórios ?

São os realizadores, naturalmente, as pessoas indicadas para responder a estas preguntas. Mas, desde já diremos que para a maioria dêles o ritmo é impalp evapora-se ao contacto de fôrças estranhas. É o verdadeiro fogo-fátuo do cinema.

No panorama que nos oferece Hollywood, escolheremos a opinião de William Wyller. Veio do teatro e trouxe todo um mundo de experiência nascida da observação directa do público. Para êle, o ritmo não é mais do que uma obra bela no seu conjunto, na sua atmosfera, na sua medula. O ritmo é espectacular. Porque há que distinguir no cinema, como no teatro, como na própria literatura, êsses dois elementos essenciais, absolutamente compatíveis, mas que nem sempre andam a par: a arte e o espectáculo. Um filme, uma peça teatral, um jornal, um livro — tudo o que se destinar a satisfazer as necessidades do público (necessidades a que por eufemismo poderemos chamar, provisòriamente, espirituais) necessitam de constituir espectáculo. Ao autor, ao realizador, ao jornalista, ao crítico, ao propagandista compete introduzir nesse espectáculo o máximo de valor artístico, sem atenuar, seja no que fôr, o seu valor espectacular.

Muito raro, é Wyler não ter na mão os «dados» a que é necessário atender para a perfeita elaboração de um espectáculo cinematográfico. E não percamos de vista que o condicionalismo de um espectáculo de qualquer ordem, é sempre tarefa árdua, complexa. É preciso contar que para um espectador equilibrado, normal, torna-se tão insuportável uma ofensiva cerrada de erudição, como a sua prevista e completa ausência.

Torna-se indispensável, portanto, dosear, variar, surpreender pelo original ou pelo imprevisto — «interessar», enfim.

Interessar completamente o público — eis a missão do espectáculo.

Não exageramos se dissermos que está aí o segrêdo do próprio ritmo do cinema. William Wyler possui-o como poucos. Sabe «encher» de elementos de interêsse os seus filmes, simples, serenos, acessíveis a todos, sem certas subtilezas cinematográficas que são ainda hoje uma espécie de grego para muito boa gente.

William Wyler é, ainda, um artista completo. Ora é esclarecido e iluminado com o espírito voltado para os grandes problemas da vida *(Veneno Europeu* e *Ruas de Nova York)*; ora tem o gôsto pela tradição clássica *(Jezebel* e *O Monte dos Vendavais)*. Compreende, como poucos, o ambiente em que vive, que é o seu próprio ambiente. É filho dessa grande nação democrática que não tem o seu progresso circunscrito ao surpreendente aperfeiçoamento das suas técnicas, em todos os sectores, nem seus anseios limitados ao campo da produção industrial ou nos problemas de ordem económica. O elevado número de universidades permitiu que êsse país possua hoje figuras eminentes em todos os ramos da produção científica, literária e artística. A educação popular, elevando o seu nível ao curso secundário, despertou no povo interêsse e curiosidade sôbre os mais variados problemas. O americano de hoje não é um homem que aceite os conhecimentos compendiados: tem o amor pela pesquisa, conserva-se em estado permanente de procura. Longe de ser um povo dominado pelo delírio das máquinas, notam-se nêle traços vivos de um romantismo ou de um lirismo que lhe marca o potencial humano.

Este é o caso de William Wyler, ou melhor, o caso do cinema americano.

Uma arte ampla, sem preconceitos, formou-se nos Estados Unidos. Sôbre o ritmo de progresso material há um sentido de beleza, dominando os espíritos e as coisas.

Uma nova descoberta

Nos laboratórios da Empresa Eastman-Kodak fabrica-se agora um novo cristal que deve revolucionar os instrumentos ópticos

Noticias recentes vindas dos Estados Unidos, falam-nos da nova e decisiva descoberta, realizada pelo cientista dr. G. W. Morey do Laboratório Geofísico dos Estados Unidos, em colaboração com a fábrica Eastman-Kodak, de um novo cristal em cuja composição — facto de excepcional importância — não entra a areia, cristal que se afirma ser possuidor de qualidades que o fazem considerar como o mais revolucionário dos progressos no campo do fabrico de cristais, desde que se deu a valiosa descoberta em 1886, do cristal de Jena.

No seu fabrico não entra, como se disse, areia, mas sim compostos de três metais raros: o tântalo, o tungsténio e o lantânio.

Este maravilhoso cristal possui uma maravilhosa combinação de um maior índice de refracção e de uma menor dispersão do que quaisquer dos tipos de cristais óticos até hoje conhecidos. Dêste modo, a superfície de uma lente feita com êste novo cristal apresenta uma menor curvatura e portanto espessura total menor, e uma menor absorção de luz, estando em virtude disto os raios de luz marginais sujeitos a muito menores aberrações.

Contudo, por agora, êste cristal será usado apenas na fabricação de lentes a utilizar nos aparelhos de fotografia aérea do Exército Americano, e levará muito possivelmente al[illegible]um tempo antes que o vejamos aplicado às lentes dos aparelhos de uso corrente.

Esta descoberta vem dar, como é de calcular, a mais destacada posição à companhia Kodak no que respeita ao cálculo e fabrico de objectivas modernas.

SHIRLEY TEMPLE

Como alguns leitores estranharam o artigo «O caso de Shirley Temple visto por Augusto Fraga», que parecia dar como afastada dos estúdios uma «estrêla» que continua na actividade e que ainda recentemente assinou contrato com a M-G-M (conforme fotografia e notícia por nós publicadas) vimos lembrar que êsse artigo é uma opinião pessoal e não uma notícia. Notícia, e exacta, foi a que demos na altura em que Shirley Temple assinou contrato com a Metro Goldwyn Mayer («Animatógrafo» n.º 27 de 12 de Maio). Assim, fiquem tranqüilos os admiradores da jovem actriz porque ainda vão ter ocasião de tornar a vê-la e em filmes que se anunciam como autênticos êxitos.



ANN SHERIDAN

É, sem dúvida, uma das mais simpáticas artistas do cinema. A ALIANÇA-FILMES apresentou-a recentemente em «O PRESIDIO DE ALCATRAZ», onde tem uma curiosa interpretação

DOUGLAS FAIRBANKS JR.

FOI ENTREVISTADO NO RIO DE JANEIRO PELO CORRESPONDENTE DE «ANIMATÓGRAFO» NA CAPITAL BRASILEIRA

Douglas Fairbanks Jr. chegou ao Rio de Janeiro e foi, nesse mesmo dia assediado pelo correspondente de «Animatógrafo» na capital brasileira. O simpático actor, que tem um ar despreocupado e veste com a despretensão de quem está farto de tirar medidas e correr para os alfaiates do estúdio, recebe-nos cordialmente nos seus aposentos reservados no Palace.

Está um dia excessivamente quente e Douglas Jr., muito familiarmente, descalçou-se.

— Que o trás ao Brasil? — interrogámos. — Questões de cinema, repouso entre dois filmes?

Douglas Fairbanks Jr. olhou-nos fixamente. Os actores de cinema não são meros actores: são, antes de tudo, figuras humanas, cérebros cuja massa cinzenta pode trabalhar em prol de grandes causas, braços sempre prontos a agir... Não, êle não vem em gôzo de férias; não está nesta cidade como artista que vem em viagem de propaganda cinematográfica. Douglas Jr. está aqui na qualidade de embaixador extraordinário do presidente Roosevelt.

Missão diplomática

O embaixador passeia em palmilhas de meias, no quarto do hotel onde entra um jôrro de Sol violento.

Roosevelt escolheu-me porque precisava de alguém que interessasse não só as esferas oficiais mas também o grande público. Durante quinze dias estarei em contacto com todos os sectores da vida carioca. Durante quinze dias indagarei o que mais poderá interessar para a América continuar a desenvolver a política da boa vizinhança.

De facto, quere-nos parecer que Roosevelt soube escolher o seu embaixador extraordinário. As altas entidades do país receberam-no com interêsse e cortezia, a Imprensa saüdou-o respeitosamente, e o público... ah! o público! êsse perseguiu teimosamente o simpático Douglas, nem que fôsse para tocar apenas num cabelo do seu ídolo.

Devo dizer que a minha conversa com Douglas Fairbanks Jr. durou cêrca de duas horas, durante as quais êle palmilhou o quarto sem dar mostras de cansaço e admirou a paisagem maravilhosa de Copacabana que se avista da janela aberta de par em par.

Mas — pormenor curioso: — Douglas não me deixou quási falar; crivou-me de preguntas e transformou-se em inquiridor. Mas não desisti e, quando o apanhei a acender um cigarro, lancei-me prontamente nas preguntas mais audaciosas:

— Qual é de facto a sua missão nesta viagem pelo continente sul-americano?

Política do cinema, ou política da política?

— Apenas isto — respondeu-nos — Colhêr elementos que permitam fomentar e desenvolver um maior intercâmbio americano e ciar um maior interêsse pela política da boa vizinhança.

— E não se trata, ao mesmo tempo, duma viagem de estudo para uma maior conquista dos mercados sul-americanos para os filmes do seu país, agora que, pràticamente, a exportação mundial está paralizada?

— De modo algum. Eu não estou aqui em missão de Hollywood mas sim como enviado de Roosevelt. A ideia do pan-americanismo não é nova no Presidente. Eu era ainda muito novo quando conheci Roosevelt. Meu pai e o presidente tinham os mesmos pontos de vista políticos. Devo esclarecer que o pensamento de Roosevelt não mudou: antes se desenvolveu e ganhou raízes. De facto, é absolutamente necessário que exista um interêsse profundo entre as Américas.

— Como julga ser possível êsse interêsse?

— Fomentando um intercâmbio artístico e turístico entre todos os países americanos. Tornando mùtuamente conhecidos os usos, os costumes e as manifestações de arte de tôdas essas nações que formam o Novo Continente.

Mas, cinematogràficamente...

— Mas, cinematogràficamente — interrompemos — considera possível êsse intercâmbio?

— Absolutamente possível. É necessário que haja artistas brasileiros em Hollywood, e bem assim que os produtores americanos procurem localizar a acção dos seus filmes no Brasil, na Argentina, no México, na Bolívia, no Peru, no Paraguai, da mesma maneira como os tem localizado na Europa. Mas, repare bem: não se trata de vir aqui fazer filmes porque a paisagem é maravilhosa, porque paisagens maravilhosas também nós temos na América, e nomeadamente em Hollywood, mas sim pelos aspectos folclóricos, pelos usos e costumes, mal conhecidos, que podem ser levados para a tela. Argumentos criados por escritores brasileiros forneceriam, sem dúvida, matéria interessantíssima para filmes notáveis.

— Mas Hollywood tem o defeito de modificar, de transformar as ideias e a verdade, dando-lhes um ar por vezes irreal — dissemos.

— Sim, é verdade — atalhou Douglas Jr. Mas a culpa não é dos produtores de Hollywood. Espanta-se ao ouvir esta declaração? Então oiça:

Realidade e irrealidade

— A culpa de semelhante estado de coisas é, muitas vezes, do público. Os filmes são feitos para o público e êste gosta das coisas irreais. Embora isto lhe pareça muito estranho, a verdade é que os produtores cinematográficos, não só de Hollywood mas também de todo o mundo chegaram a esta conclusão. A reprodução exacta da verdade fatiga e aborrece o espectador. O que se passa com os ambientes dos outros países, passa-se com o do nosso próprio país. A América é deformada nos filmes americanos. Eu nunca vi, num filme de Hollywood, uma Nova York verdadeira. Se a quis encontrar tive de ver um filme europeu: o «Filho Pródigo», de Luiz Trenker. Fazem-se muitos filmes de «cow-boys» para gáudio da garotada e até de pessoas crescidas, mas isso não quere dizer que na Califórnia só se roube gado e se matem homens. Muita gente está convencida de que Chicago é a cidade do terror e em tôda a América só existem «gangsters» porque o público gostou dêste género de filmes e os produtores — como bons comerciantes que são — abusaram.

Questões turísticas

Diante de nós estão alguns jornais brasileiros cheios de anúncios de propaganda à América do Norte. Lembro-me de que os brasileiros se queixam da disparidade da moeda e de que os seus compatriotas se lamentam também de que o dólar custe tanto dinheiro. Abordei, pois, o problema do turismo que também interessa aos portugueses.

— Falou há pouco do problema turístico como um dos pontos de interêsse para o intercâmbio, mas se é fácil aos americanos virem ao Brasil, para os brasileiros é algo difícil e caro irem à América, pois a diferença de moeda é enorme.

Douglas Jr. responde prontamente:

— Eis exactamente um dos problemas que estão em estudo. Creio que se arranjará uma solução para o caso e que dentro em pouco haverá um dólar turístico que facilitará as viagens dos sul-americanos...

E aqui a entrevista deixou de ser entrevista e caímos num bate-papo (isto é giria carioca autêntica) que durou duas horas.

Falei então do cinema português da «Aldeia da Roupa Branca» e de «João Ratão». Douglas Jr. mostrou-se encantado com o pitoresco dos nossos costumes e manifestou desejos de ver produções nossas. Daí em diante — confesso-o — foi Douglas quem conduziu o interrogatório. E, de lápis e papel na mão, passa a fazer contas.

— Se realmente a língua portuguesa é falada no mundo por tanta gente, como V. me diz, e se os filmes feitos em Portugal correm os países que me citou, incluindo a América do Norte, chego à conclusão de que estamos diante dum problema importante e que deve merecer a atenção e o estudo dos produtores de Hollywood. Sim, os «produtores» devem pensar nessa nossa possibilidade.

Entretanto, Douglas Faibanks Jr. calçava os sapatos. E a conversa deriva para modas femininas, viagens e paisagens — é isto por causa da maravilhosa paisagem de Copacabana que se via, recortada no céu puríssimo, para além da janela escancarada naquele andar do Palace.

FERNANDO DE BARROS



Douglas Jr., que vimos recentemente em «A vida é uma aventura», ao ser entrevistado pelo nosso correspondente Fernando de Barros

A primeira "Produção António Lopes Ribeiro"

"O Pai Tirano"



O balcão do Teatro dos «Grandelinhas» virá abaixo com a figuração «de pêso» que se tenciona lá pôr para assistir à representação do drama em 2 actos «O Pai Tirano ou O Último dos Almeidas»?

(Cont. da pág. 3)

têm exigido pesados sacrifícios do valor artístico duma fita com o pretexto de que é «mais industrial». Mas sempre foi mau critério e sempre deu mau resultado. O alto valor industrial resulta do alto poder de organização, da economia dos arranques e da rapidez de trabalho, conseqüência das condições anteriores e do treino dos conjuntos técnicos e artísticos.

Por sua vez o potencial de organização que impede as improvisações e o treino que dá os conhecimentos dão a calma e o saber que são os grandes elementos da atmosfera capaz de criar alta qualidade artística.

Mas convém, uma vez que estamos a falar de qualidade artística e antes de passar a outro assunto esclarecer dúvidas que nascem da confusão que alguns fazem entre determinados géneros de espectáculo e o seu valor artístico pròpriamente dito. Há alguns para quem um livro se não fôr romance ou poesia já não é «literatura». Há os que avaliando cinema só consideram artísticas as fitas históricas de reconstituïções fiéis e minuciosas, outros só as realistas de pesadas e soturnas iluminações, para outros só podem ser artísticos os documentários puros, sem acção. A nenhuns assiste a razão porque alto nível artístico é compatível com qualquer género de espectáculo, da farça ao drama, da opereta ao music-hall». Com a certeza plena de que isto é assim «Produções A. L. R.» estabeleceu um critério orientador da índole das produções e procurou orientá-lo de forma a ter orgulho do papel social a desempenhar no momento que atravessamos e da satisfação do público que assistir às fitas que realizar e apresentar.

Os propósitos oportunos do filme n.º 1 — fazer rir

«O Pai Tirano» é uma fita que pretende fazer rir. Numa época congestionada e alarmada como a que atravessamos em que todos os meios de comunicação de ideias se lançaram em desafio para nos dar a todos os momentos as mais graves notícias, numa época em que da rádio já quási desapareceu completamente a música para só ficarem as notícias dos combates; numa época em que o espectáculo desportivo do domingo é invadido pelos jornais da tarde e as suas novas da guerra; no tempo em que a tragédia é esmiuçada e estendida pelas páginas dos jornais que nunca nos contam um caso feliz, como se não os houvesse — fazer rir, afastar todos os pesados realismos «intelectuais», pôr à margem tôda a tragédia, trabalhar com a ternura, com a graça, com o bom-humor, ver o Camilo do «Amor de Perdição» pelo lado dos «Doze Casamentos Felizes», tudo será obra social de valor e ganhar direito ao aprêço do público.

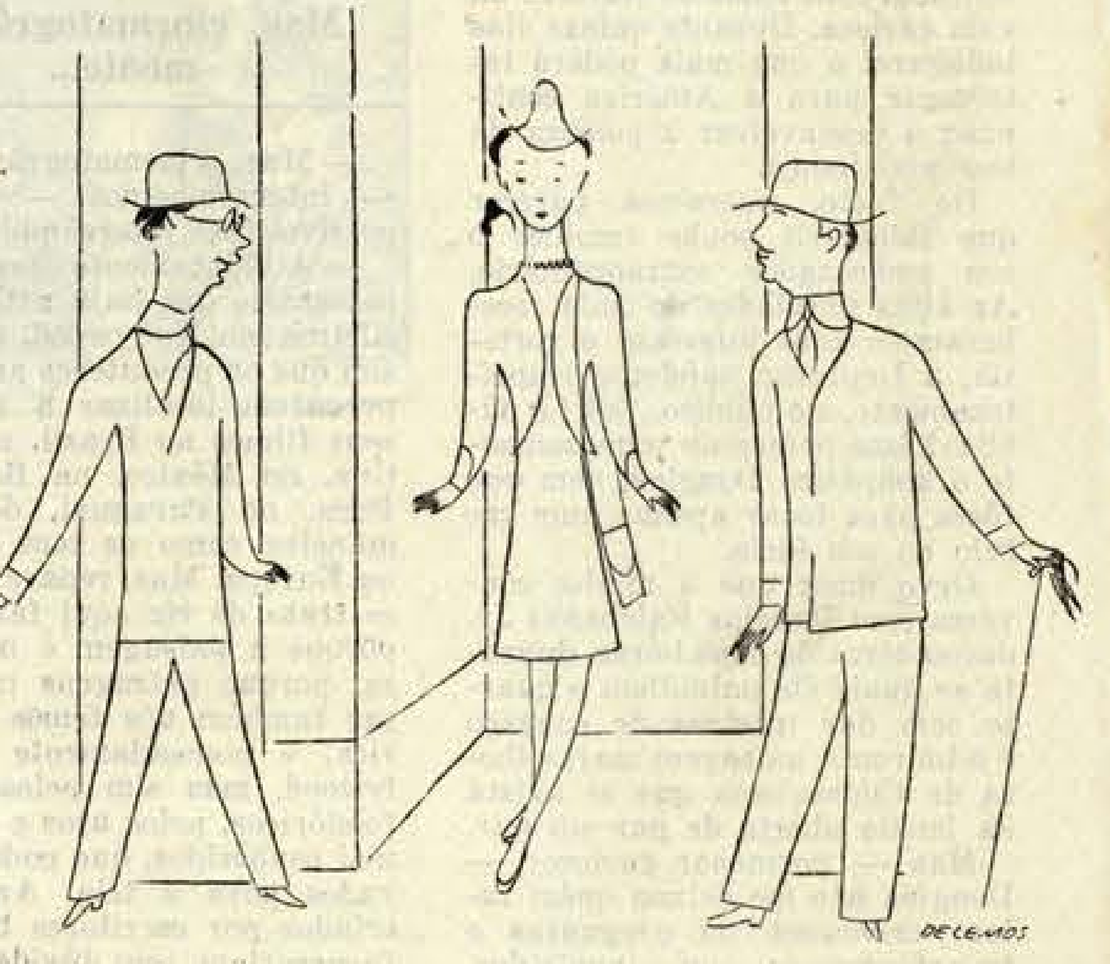
Não se pode nem deve fazer rir de qualquer maneira — «Piada» e «Graça» são coisas diferentes

Dir-se-ia que é o caminho mais fácil êste de fazer rir. Quere-nos parecer exactamente o contrário porque quando se trata de fazer rir honestamente, com qualidade, com responsabilidade torna-se necessário mobilizar uma prenda difícil que é a graça, exactamente. A tragédia é, já de si, uma coisa séria, tudo quanto fôr tragédia está meio encolhido, meio aprovado e meio aproveitado para quem quere fazer tragédia. Para fazer rir, por meios sérios, o caso muda de figura: há entre o trigo muito joio que é necessário escolher. A boa sátira exige um valor de observação, de encenação e representação elevadíssimo. Todos os cuidados são poucos para imprimir «graça» sem caír na «piada» que tem sido quási fatal nas nossas coisas de fazer rir. Nasce a «graça» do comentário com espírito e, muito cáustica que seja adivinha-se-lhe sempre um «ar» indulgente, um «ar» feliz. Nasce também da situação bem encontrada, da complicação tantas vezes ingénua e até inverosímil mas aceitável. Nasce como o humor do encarar das situações com optimismo e é extremamente nobre pela coragem de quem ri — quando ri francamente.

O mesmo se não pode dizer da «piada». Porque a «piada» é o trocadilho barato, filho da confusão. Nasceu ou para ferir, ou da situação duvidosa, ou para a situação equívoca. É dita em voz baixa, quási sempre. Muitas vezes é pela sua contextura baixa, ordinária, e, freqüentemente, quanto mais infeliz, mais piada tem. Com a «chalaça» inconseqüente e a «laracha» superficial, forma uma trempe pobre de coisas muito tristes, gastas paradoxalmente e abusivamente para fazer rir. É a necessidade de fazer constantemente uma selecção de todos estes inconvenientes que torna difícil fazer rir sem ceder nada ao gôsto fácil, sem perder a honrada preocupação de fazer espectáculo alegre sim, mas também com qualidade, com valor.

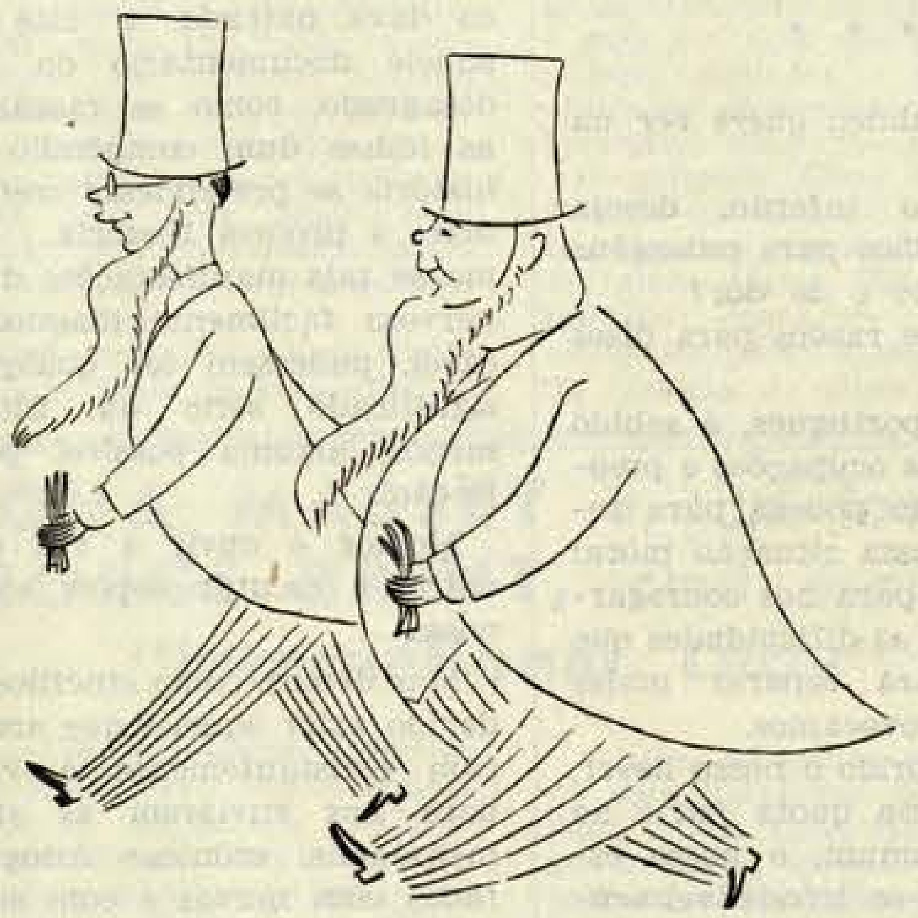
Excelência dos nossos actores cómicos

Não nos poderíamos queixar de falta de matéria-prima para a encenação de fitas cómicas. Abundam os nossos bons actores cómicos. No seu género sofrem com certeza os confrontos que quiserem e saiem airosamente.



O coração da cinéfila Tatão, caixeira da Perfumaria da Moda, hesita entre os seus dois apaixonados: o Chico, caixeiro do Grandella e «furioso» dramático, e um «papo-sêco», vendedor de automóveis

UMA COMÉDIA ALEGRE, QUE CONVÉM AOS TEMPOS QUE VÃO CORRENDO E SE ADAPTA AO FEITIO DOS NOSSOS MELHORES ACTORES CÓMICOS QUE NELA INTERVÊM EM IMPORTANTES E HILARIANTES PAPÉIS E NAS MAIS IMPREVISTAS E EMBARAÇOSAS SITUAÇÕES



Qual dêstes dois será o «Pai Tirano»? O Vasco ou o Ribeirinho?... Seja qual dêles fôr, a perspectiva é prometedora...

São muitos, como dissemos. É a sua quantidade e a certeza de que deixamos algum de fora que não nos deixa citar aqui seus nomes. Mas o público conhece-os bem e aprecia-os A sua quantidade e valor, bem como a diversidade de tipos oferecem à «Produção A. L. R.» uma grande facilidade para distribuir os seus papéis, ou, melhor, para escrever os seus papéis ajustados ao tipo e às maiores possibilidades de cada um dos actores. Nesse capítulo foram grandes as preocupações de entregar as personagens do «Pai Tirano» nas «mãos óptimas».

António Lopes Ribeiro, Vasco Santana e Francisco Ribeiro escreveram os diálogos de propósito para cada um dos actores que ia interpretar as figuras do original fértil e movimentado argumento de António Lopes Ribeiro. Tão bem, tão ajustadas ficaram as figuras aos seus intérpretes que chegada a altura de se baptizarem, deu-se o caso engraçado de os autores não encontrarem nomes mais «verdadeiros», mais «certos» que os nomes dos próprios actores, com raras excepções e mesmo essas, diz o Vasco Santana... os actores é que têm a culpa por terem nomes que não acertam com êles próprios.

Assim o «Sr. Santana» empregado da secção de sapataria dos «Grandes Armazéns de Grandela» e ensaiador dum grupo dramático, um amante apaixonado da arte de Talma e um competente avaliador do bom «calf» e da boa sola «Panco» é, evidentemente, Vasco Santana. Chico, seu colega de balcão e discípulo dilecto na arte de representar, é Francisco Ribeiro (Ribeirinho). O bondoso e pacato «Lopes» da secção de brinquedos do Grandela, cujo maior desgosto é interpretar — ironias do destino! — sempre os cínicos das peças ensaiadas pelo «Sr. Santana», foi distribuído, está claro, a Barroso Lopes. E assim por diante: o «Sr. Prata»,

(Cont. na pág. 18)

A MEGALOMANIA NO CINEMA

A megalomania, certamente com outros nomes, como na nossa mais corrente «mania das grandezas», deve existir desde que o primeiro homem teve a primeira ilusão, o primeiro sonho de domínio e de triunfo, a primeira vaidade.

E sob as mais variadas e estranhas formas, ela estará na história da humanidade, ora como um segrêdo de vitória, ora como o caminho dum abismo, como a vida dum herói ou como o entrecho duma farsa.

Encontramo-la a cada passo, disfarçada em falsa modéstia ou alardeada com soberba, e quando atinge as formas últimas da loucura, vemo-la naquela velha pedinte que se julga rainha, naquele antigo ajudante de farmácia que está convencido que inventou o motu-contínuo, no velho jornalista que intimamente se considera o Deus duma nova religião.

Na vida de todos os dias, nos nossos encontros do acaso, constantemente topamos com essa megalomania, quer nos apareça no aspecto triste do janota empobrecido, de fraque cossado, colarinhos de goma, sapatos cambados e polainitos rotos, mas que desce o Chiado ou sobe a Avenida com o mesmo ar e a mesmo convicção doutros tempos, quer nos surja na personalidade do amigo bem tratado, bem instalado na vida e que, para em tudo ver delícias e grandezas, nos revela o segrêdo dos seus sucessos, o alvoroço dos seus triunfos, e exalta o talento, a elegância, a cultura, a educação, a fortuna das pessoas com quem vive ou simplesmente troca cumprimentos de rua, para que se considere superior quem como êle só tem superiores conhecimentos, extraordinárias camaradagens, magníficas relações.

Já sabemos que quando nos deixa, vai explicar a quem passou e nos viu, como nós somos grandes, em qualquer coisa que êle considere grande, para ter a satisfação de participar de certa maneira na grandeza que nos atribui como antigo condiscípulo, amigo de infância ou simples companheiro de viagem.

A mania das grandezas também, por vezes, tem as suas formas colectivas, ou antes referidas pelos indivíduos a agremiações, colectividades, regiões ou circunstâncias a que se encontram ligados por nascimento ou simpatia, por fatalidade ou acaso.

Na pequena cidade ou vila da província há um grupo de amadores dramáticos que representa sofrìvelmente a opereta que outros amadores escreveram, ensaiaram, enscenaram.

Quanto a operetazinha vai à cena, a vila ou a pequena cidade delira de admiração e entusiasmo, tomando bastante para a glória do sucesso e não faltando logo quem proclame que é uma obra notável em qualquer parte, que os bons profissionais não a representariam melhor, que é preciso levá-la ao Pôrto ou a Lisboa, ao grande teatro e ao grande público.

Jornadeando-se por quaisquer lugares, também nunca falta quem encontre, aqui um bocadinho da Suiça, ali um trechozinho do Buçaco, acolá uma pequena Sintra, onde se suba uma encosta de serra entre duas aldeias serranas, onde se atravesse uma orla de mata ensombrada e húmida, onde em três montículos, entre três dúzias de árvores, haja meia dúzia de casas.

Além da verdadeira, da única, não sei quantas Sintras há por êsse país, mas tenho conhecimento de duas, uma em Trás-os Montes e a outra no Alentejo, que não precisam de ser Sintras para nada, nem para serem lindas e pitorescas terras, uma do Alentejo e a outra de Trás-os-Montes.

Conheço dos tais trechozinhos do Buçaco, mais grandiosos, mais impressionantes e mais belos do que o Buçaco, mas êste é o símbolo da grandeza, o modêlo nacional de mata e de floresta e tôdas lhe querem ser semelhantes ou parecidas, na imaginação dos patriotas.

As nossas paìsagens de serra, na Estrêla ou no Marão, no Caramulo ou na Arrábida, são formosíssimas, surpreendentes, características e inconfundíveis, mas se a Suiça tem nome universal pelas suas paìsagens de montanha e de altitude, vamos a encontrar-lhe bocadinhos, suiçazinhas proporcionais, nas nossas serras inconfundíveis e características.

Mas o homem também vive um tanto da ilusão, do sonho, da fantasia, e em todos os tempos e em tôdas as latitudes encontramos na humanidade um pouco de D. Quixote e de Arlequim, de Tartarin e de Damaso Salcedo. Por isso não admira que o cinema, vasto campo de actividade e de imaginação, vivendo simultâneamente, da ficção e da realidade, proporcione o devaneio, inspire a ilusão, alimente por vezes, finalmente, a mania das grandezas.

Aqui, em Portugal, a sua primeira manifestação deu-se com a primeira fita que se fez e que vinha tôda convencida que nunca mais se faria coisa que se parecesse.

Pobre primeira fita portuguesa, porque a segunda logo surgiu, a empurrá-la para a penumbra, a metê-la num chinelo, ostensiva e ìntimamente assegurada de que ainda nada se tinha feito nem viria a fazer que a atingisse.

Depois isto vai sucedendo a cada fita nova, como se o cinema português estivesse a seguir o exemplo de certos atletas que, à falta de competidores e desafios, se entretêm a tentarem bater sucessivamente, os seus próprios «records».

E parece que, em face das nossas, sob muitos aspectos, modestas possibilidades, deveríamos

(Continua na pág. 18)

CINEMA DE AMADORES

Um bom filme cultural

É do conhecimento geral que, em matéria de filmes culturais, os cineastas alemães são insuperáveis.

Isto, claro está, no campo profissional, pois os amadores de todo o mundo produzem normalmente os mais variados filmes culturais, que, até à data, não temos tido a felicidade de podermos ver. Resta-nos, como prémio de semelhante aborrecimento, a visão dos filmes do sr. eng. Carneiro Mendes, considerado, sem favor algum, um mestre em filmes culturais.

Nunca cansa, assistir à projecção dos seus filmes, visto que de cada vez observamos aspectos e pormenores novos que nas anteriores exibições passaram despercebidos.

Desde a sua «Vida dos insectos» esperamos sempre com alvorôço a apresentação de um seu novo filme. E sempre as nossas suposições são excedidas.

Sucedeu exactamente o mesmo com esta nova cultural, realizada propositadamente para o I Congresso Nacional de Ciências Naturais, e que foi apresentada, públicamente, na última sessão de filmes de formato reduzido, realizada na sede do Clube Português de Cinema de Amadores.

Intitulada, «Processos modernos de Modelação de Animais por formação directa», ensina-nos como se faz um dos mais curiosos trabalhos de ciências naturais. Evidentemente, que o assunto, por si só, constitui um grande espectáculo, mas a qualidade da fotografia, a iluminação do assunto e a maneira de o observar estão de tal maneira certos que resultam plenamente.

Pela primeira vez, desde que assistimos à exibição de filmes de amadores, não sentimos a metragem total. E esta cultural tem duzentos e cinqüenta metros o que não é nada pouco, correspondendo a cêrca de setecentos metros de filme profissional.

Esta falta de contrôle, da nossa parte, é sintoma de que êste filme é de tal maneira interessante e elucidativo que faz esquecer a sua duração.

Todos os pormenores dos trabalhos de modelação de um peixe nos passam ante os olhos num atraente espectáculo, porque o é, agradando a tôdas as pessoas que o vêem.

São motivo de orgulho para todos os amadores, os filmes do sr. eng. Carneiro Mendes, e agora, e disse estamos certo, a sua alegria é enorme e legítima. Dá-se assim uma prova, àqueles que sorriem dos cineastas amadores, das inúmeras e vastíssimas possibilidades que êles possuem.

Enquanto que há no, nosso pais, uma Comissão de Cinema Educativo, que nada faz no sentido para que foi criada, um amador, sem auferir, ganhos pelo seu trabalho e apenas por carolice faz um filme que pode honrar uma representação de Portugal em qualquer certame cinematográfico no Estrangeiro.

E ainda há quem sorria quando se fala de cinema de amadores.

J. M.

A TESTEMUNHA IMPASSÍVEL

por A. de Carvalho Nunes

Os jornais já deram a notícia. O operador de cinema Otto Kanturek e um seu assistente encontraram a morte quando, a bordo dum avião filmavam o vôo duma esquadrilha inglesa, para a produção intitulada «Um yankee na R. A. F.».

Com excepção de duas ou três pessoas particularmente versadas no assunto, o nome de Otto Kanturek traduz um anonimato igual ao do seu assistente.

A própria notícia não deve ter despertado mais que ligeira curiosidade.

Há qualquer coisa de injusto nesta atitude perante dois homens, entre tantos, que sacrificaram as suas vidas para satisfazer precisamente a curiosidade do público.

E se o leitor apressado nem por momentos se lembrou de se deixar arrebatar pela gratidão, nós é que nos sentimos quási obrigados a não perder o ensejo para pôr em destaque o labor dêsses artistas que compõem sinfonias de imagens ao som do troar do canhão e do matraquear das metralhadoras.

Artistas sim, pois os operadores de cinema que andam na guerra não se limitam a fixar o que se lhe vai deparando, a dar à manivela como tocador de realejo que só fizesse ouvir sempre a mesma marcha militar — mas seleccionam as imagens com verdadeiro faro do espectáculo, interpretando o que o público quere ver, e emprestam-lhes aquele sentido artístico que cabe dentro do mais frio e formal documentário.

No meio da pugna, êles têm que fazer calar a voz do sangue ou da razão, para se entregarem completamente à sua missão de *testemunhas impassíveis* do grande drama.

* * *

Mas o público *quere ver* na verdade?

Longe do inferno, deseja volver os olhos para paisagens de desolação e de dôr?

Sobeja-lhe razões para dizer que sim.

No caso português, é sabido que tôdas as ocupações e preocupações são poucas para reforçar a nossa situação moral e material, para nos couraçarmos contra as dificuldades que surjam, para reparar males que não provocamos.

Mas cumprido o nosso dever, dada a nossa quota parte ao trabalho comum, o nosso espírito volta-se irresistivelmente para o grande pleito, em que somos — Deo gratia! — apenas juizes, papel êste para o qual aliás nos sentimos suficientemente idóneos.

O espectador que se esforça por chegar cêdo, para não perder os documentários da guerra que vêem das duas *frentes*, não é o amador de emoções fortes, de sensações mórbidas, mas o europeu que vem ajuizar a causa, definir o gigante pelo dedo, empreender aquilo que precisamente não lhe queriam mostrar, apreciar não o tom da voz do locutor mas o que as suas palavras possam trair...

* * *

Pelo que precede justifica-se que nunca tivessemos percebido a razão porque certo público dava pateada a êste ou aquele documentário do seu desagrado, como se rasgando as fôlhas dum compêndio de história se pretendesse «reformar» a própria História... como se tais manifestações dum nervoso fàcilmente diagnosticável, pudessem ter qualquer significado sério ou, ainda menos, alguma possível projecção!

Melhor é ouvir a voz dos outros e escutar depois só a nossa...

Mas demos, como cinéfilos, o devido valor àqueles que arriscam constantemente a vida para nos enviarem as suas mensagens, crónicas fotografadas com nervos e com sangue que não precisam do cinema odorífero para cheirarem ainda a pólvora quando se desenrolam aos nossos olhos.

Não queiramos ser, por nosso turno, a testemunha impassível...

NOTICIAS DE HOLLYWOOD

NORMA SHEARER vai interpretar "We were dancing" antes de filmar a película "Cimarron"

Anunciou-se há pouco, e «Animatógrafo» fez-se eco dessa notícia, comentando-a desenvolvidamente, o regresso à actividade dos estúdios, depois de uma ausência de mais de meio ano, de Norma Shearer, que continua mantendo aquele lugar àparte que muito justamente, mercê da sua personalidade e do seu talento, conquistou no cinema americano. Disse-se nessa altura que Norma ao lado de Clark Gable, iria interpretar uma das mais interessantes figuras da literatura americana, a de Sara Cravatt de «Cimarron», o famoso romance da consagrada Edna Ferber, em que se focam episódios da epopeia dos bravos pioneiros de conquista do oeste americano.

Entretanto, como os trabalhos preparatórios de «Cimarron» se deverão arrastar por largo tempo, pois a Metro Goldwyn Mayer quere fazer do filme uma das suas mais grandiosas produções, foi resolvido, para o que há já a aquiescência de Norma, que é como se sabe uma das mais importantes personalidades da M. G. M., detentora dum considerável lote de acções que lhe permite considerável preponderância nos estúdios de Culver City, que a intérprete de «Maria Antonieta» aparecesse antes num outro filme. Intitula-se êle «We Were Dancing» e da sua produção será responsável Sidney Franklin, hoje um dos «top-names» entre os produtores da Metro.

O argumento é extraído duma das novas peças em um acto do actor e dramaturgo inglês Noel Coward, cujo conjunto forma o ciclo intitulado «Tonight at 8:30».

Neste novo filme serão, no entanto, incluídos episódios de várias dessas peças, pois a M. G. M. possui há cêrca de três anos os direitos de adaptação cinematográfica dessas obras, escritas pelo autor da famosa «Cavalgada».

As peças tratam das aventuras duma alegre princesa polaca cuja existência decorre, por assim dizer, em constantes recepções, exercendo extraordinária influência em tôda a gente que a seu lado convive.

HAL ROACH só produzirá, de hoje para o futuro, filmes em 5 partes

O produtor Hal Roach, que vai para um quarto de século trabalha na produção de comédias, pois foi êle um dos que, a par dos Mack Sennett e dos Al Christie, primeiro tentou o cinema cómico, acaba de traçar o seu plano de trabalho, e de anunciar que passaria a trabalhar agora definitivamente, e em exclusivo, na organização da United Artists, companhia que distribuíra já os filmes por êle produzidos depois da sua saída da Metro Goldwyn Mayer, que traz ainda hoje ocupados os tribunais americanos em virtude das acusações mútuas dos dois contendores.

Entretanto o facto mais curioso e importante da nova orientação que Roach vai seguir é que êle vai abandonar por completo a produção de filmes de grande metragem, fazendo antes filmes em quatro ou cinco partes, de 45 ou 50 minutos de duração, mas a cuja produção vão presidir os maiores cuidados e nela serão utilizados elementos técnicos de apreciável competência.

O primeiro filme dessa nova fase da carreira de produtor de Hal Roach — êle conta poder fazer cinco dêsses filmes para a próxima época — intitula-se «Niagara Falls», e, mais uma vez na história do cinema, os seus intérpretes irão por certo no fim do filme passar a lua de mel às famosas quedas de água que marcam, nesse ponto, a fronteira entre o Canadá e os Estados Unidos. Os intérpretes de «Cataratas do Niagara» são Marjorie Woodursth, uma estreante, Tom Brown, os conhecidíssimos Zazu Pitts e Slim Summerville e Chester Clute. O realizador é Gordon Douglas e o operador Robert Pittack.

ILONA MASSEY é, ao lado de GEORGE BRENT, uma espia em "International Lady"

New Wine o último filme de Ilona Massey — a vedeta húngara que na famigerada «Balalaika», conquistou, duma assentada, pode dizer-se, o mundo inteiro — focava uma vez mais a existência, tantas vezes cinematizada de Franz Schubert, cuja torturada figura Hans Jaray, Richard Tauber, Bernard Lancray e por último, naquele filme, Alan Curtis, viveram na tela.

Agora, há pouco de regresso de uma longa lua de mel com Alan Curtis, Ilona Massey voltou aos estúdios, estando já a trabalhar na produção de Edward Small «International Lady», primitivamente intitulada «G-Men Versus Scotland Yard». O filme que gira à volta da rivalidade entre a polícia secreta americana e os serviços secretos ingleses é dirigido por Teni Whelan, que trabalhou em Inglaterra vários anos, e tem por intérpretes, além de Ilona Massey no papel duma espia, George Brent num *G-Man*, Basil Rathbone num agente inglês, Marjorie Gateson, notável actriz de composição, o veterano Wyndham Standing, Gene Lockhart, George Zucco e Rita Quigley, a jovem actriz que vimos, interpretando a personagem da filha de Joan Crawford e Frederich March em «Teorias de Suzana». Hal Mohr é o operador. Toni Whelan é o realizador e Basil Rathbone é o intérprete do filme «Em Face do Destino» que o São Luiz agora exibe.

FITAS NA FORJA

● *HALF WAY TO SHANGHAI, com Charles Bickford, Evelyn Anters, Frank Albertson, Cecil Kellaway, Truman Bradley, Willie Fung, Viola Vaughn e Key Luke. Direcção de Noel Smith. Fotografia de John Boyle. Universal (Filmes Alcântara).*

● *NAVY BLUES, com Ann Sheridan, Jack Ooakie, Martha Raye, Eddie Albert, Jack Haley, Jack Carson, Frank Orth, Eddie Gargan, Tom Dugan, Maris Wrixon, Jean Ames, Mary Brodel e o Navy Blue Sextette. Realizada por Lloyd Bacon. Fotografia de Tony Gaudio. Warner Bros (S. I. F.).*

"As Aventuras de Robin dos Bosques" num filme em séries da Republic

Robin Hood, a célebre figura que a pena prodigiosa de Walter Scott traçou com engenho e arte, deu já motivo a que por duas vezes o cinema transpusesse para a tela branca dos écrans as aventuras incomparáveis do famoso herói que interpretaram Douglas, o sempre lembrado príncipe da aventura cinematográfica, e essa outra figura notável do cinema de hoje, Errol Flynn, cuja personalidade tem — curiosa coincidência! — tantos pontos de contacto com a daquele que foi o mais típico, o mais cinematográfico de todos os actores que jamais o cinema contou, nos seus quarenta e tal anos de existência.

Pois Robin Hood vai ter agora em Hollywood a sua consagração completa pois as suas aventuras, as suas inacreditáveis façanhas, a sua existência agitada e empolgante vão ser o assunto dum filme em séries cuja realização a Republic vai agora empreender, e ao qual vai dedicar o maior interêsse e cuidado como resolveu reservar para a sua produção um orçamento muito acima do normal em casos tais.

O filme que apresentará ainda a particularidade de cada um dos seus doze episódios ter três partes em vez das duas clássicas, vai ser interpretado por Roy Rodgers, um dos actores do género, mais categorizados que os estúdios da Republic têm sob contrato.

"FLASHES"

● *PARA o filme em technicolor da Paramount «Aloma of South Seas» que Dorothy Lamour e John Hall interpretam Alfred Santell dirige e Monta Bell produz foi construido um templo gigantesco. O «clou» do filme será a erupção do Krakatoa, o único vulcão submarino que se conhece.*

● *O FILME de Chaplin «O Ditador» depois de uma carreira de vinte e três semanas consecutivas saiu do cartaz do Astor Theatre. Neste teatro fez 300 mil dólares de receita, e no Capitol, onde se estreou e esteve sete semanas, rendeu 400 mil dólares, o que faz, só na Broadway, setecentos mil dólares.*

● *CARMEN Miranda que, sinal de glória cinematográfica, deixou há pouco marcadas no cimento do Grauman's Chinese Theatre, de Hollywood, as impressões dos seus pés, aparece agora em pessoa no Paramount de Hollywood com um êxito extraordinário.*

● *NO FILME da M. G. M. «Blossons in the Dust» de Mervyn Le Roy, aparece num papel secundário um actor que foi, há vinte anos uma das maiores figuras do cinema dessa época — Charles Ray. Nesse mesmo filme — curiosa coincidência! — interpreta também um pequeno papel Jerry Storm, que foi o realizador de muitos filmes de Ray.*

● *WILL H. Hays, presidente da Motion Pictures Producers and Distributors of America, que tem a seu cargo a censura prévia de todos os filmes e argumentos, foi reeleito por mais um periodo de cinco anos. Desde 1920 que desempenha aquelas funções. Costumam chamar-lhe o Tzar do Cinema.*

● *A PARAMOUNT renovou os seus contratos com Fred Mac Murray, Betty Fields, a intérprete de «As Mãos e a Morte», de Paulette Goddard e de Virginia Dale e Martha O'Driscoll, duas caras novas do cinema.*

UMA ESTRÊLA que não brilhou...

por JOÃO MENDES

Olhou a imensa abóboda celeste e viu brilhar inúmeras estrêlas. E do alto do *seu* prédio, numa janela pequena, resolveu *brilhar* como essas estrêlas do céu.

... ...

O Cinema é um sorvedoiro de estrêlas.

Hoje uma, amanhã outra e poucas ficam a brilhar, lá no alto, pequeninas, inofensivas e tímidas.

O ser *estrêla*, além da dificuldade de o ser, tem ainda a de manter durante tempos o seu esplendor.

Quantas há que logram alcançar a posição desejada, mas por poucos dias — apenas o tempo para fazer um filme — outras ainda por meses — o tempo para fazer alguns filmes — e poucas, muito poucas, por anos. Estas sim, estas é que são *Estrêlas.*

... ...

Maria da Luz.

Fez possíveis e impossíveis e nada fez...

Era um hábito seu mirar-se ao espelho. Ouvira dizer, e lêra num livro, que não ficava mal, a uma possível *estrêla*, olhar-se ao espelho.

E a superfície, polida e espelhada do outro lado, daquele móvel pequeno que havia no seu quarto, assistiu, muda e queda, a coisas de pasmar. Bailou, cantou, riu, chorou... até um dia em que êle a viu feliz e acompanhada, para nunca mais a voltar a ver.

Sem ninguém de família, simples, modesta, destas muitas raparigas que há por tôda a parte, a Luz, era uma sonhadora. Enquanto, maquinalmente, as suas mãos hábeis executavam o trabalho diário, o seu espírito, ao contrário de tôdas as sonhadoras, não divagava. Abandonava-se numa propositada indolência. Mas à noite, na sala escura do cinema do bairro, então sim. O espírito e o corpo agitavam-se, desprendiam-se da cadeira e viviam numa região e num ambiente diversos.

E no regresso, frente ao espelho, o seu confidente, a Luz brilhava pujante de talento, de beleza e de elegância.

Depois, na penumbra do quarto, olhos semi-cerrados, fantasiava um mundo de delícias. E a um canto, sôbre um móvel, carinhosamente guardados, jornais e revistas de Cinema.

Um dia, ou antes, uma noite de verão, quente, a janela aberta, braços no parapeito, olhar distante, viu brilhar, no céu escuro, inúmeras estrêlas. E pensou, o que era natural que pensasse. E disse de si para si: — ¿Porque não hei-de eu ser também uma estrêla? — ¿E porque não?

E nessa noite não dormiu, fantasiou mais do que o normal. E, na manhã seguinte, quem a visse admirar-se-ia por certo: — A Luz não parecia a mesma.

¿Melhor, ou pior?

Não sei que dizer...

No emprêgo, todos a estranharam. — ¿Que acontecera à Luz?

Mas as interrogações ficaram no ar apenas durante uns tempos.

Breve tudo se esclareceu.

Na rua passaram a fixá-la e houve até quem a seguisse, a ela, que sempre passava despercebida no meio da multidão.

Nessa noite, ao espelho, mirou-se mais cuidadosamente.

Pintou-se, preparou-se e saiu... e contra o costume, não foi ao cinema do bairro, mas sim a uma *première.*

E passaram-se dias, semanas e meses.

A Luz tornou-se uma linda mulher, conheceu muita gente até que um dia o grande momento chegou.

Alguns jornais de Cinema falavam dela e até um publicou uma grande fotografia com uma legenda por baixo: *Maria da Luz, uma simpática estreante que vai interpretar um dos principais papéis num dos próximos filmes nacionais.*

Nesse dia, a Luz, folheou vezes sem conta a revista *com o seu retrato*, e acercando-se do seu espêlho olhou-se atentamente e, pela primeira vez, teve receio. Por instantes, à sua imagem, reflectida no vidro espelhado, sobrepôs-se a de alguém que a ajudara a subir. E houve um órgão que acelerou a marcha, agitando o seu corpo. Tremeu, olhou-se uma vez mais e receou. Já não era independente. Encontrava-se sujeita a *qualquer coisa* e essa qualquer coisa era ÊLE. O ÊLE de tôdas ELAS.

... ...

O Cinema não é um sorvedoiro de *estrêlas.* Antes sim, um conquistador impenitente que não cessa de se insinuar junto de quem lhe agrada para atrair, mas que tem grandes e poderosos rivais. Umas vezes leva-lhes a melhor mas noutras é vencido e perde inúmeras das suas conquistas por as não saber cativar e prender na altura própria. Há que contar sempre com os imprevistos e as surprêsas. E o coração é uma constante surprêsa, umas vezes causa alegrias e outras desgostos...

... ...

Nunca se procure vencer o Cinema, mostrar-se indiferente, superior a êle. Acercar-se até bem junto, com a suposição de ir mais além de tudo o que êle tem feito, não é conveniente. Pode suceder o mesmo que à Maria da Luz pois, passo a explicar agora, o motivo do receio que ela teve.

É que a Luz VIU com uma clareza impressionante que não enveredara pelo melhor caminho.

Ela que em frente ao seu espêlho se sentira sempre apta a interpretar os mais difíceis papéis no Cinema, teve a noção exacta do seu êrro. Não era possível vencer logo à primeira, e ela seria mais uma *estrêla* a dias.

Devia ter começado devagar, por pequenos papéis, entendendo bem tôda a difícil e complicada engrenagem da Arte Cinematográfica.

Pensou e viu que havia ÊLE. E entre ÊLE e o CINEMA, antes ÊLE, seu marido.

E a Luz não foi *estrêla* e a Luz não *brilhou...*

CARTAS DUM CINÉFILO

Desenfreado director:

Cá continuo à espera que me chame para ser um dos técnicos da sua fita. Olhe que ainda está a tempo porque as filmagens só começam no dia 7 Depois, mais tarde, quando verificar que eu lhe faço falta e que já não tem remédio, não se mostre arrependido e a dizer que fez mal em não ter contratado cá o Ignácio. Nessa altura, eu que estou muito maguado consigo mas não sou de reservas, não me importo de ir trabalhar na segunda fita, que já sei que se chama o «Pátio das Cantigas». Pelo título não me parece que tenha sido inspirada nalgum argumento meu, mas isso depois se verá.

Como lhe disse o meu pai já não é o mesmo que era. Desde que soube que era diabético nem parece o mesmo. Já entrou para sócio da Associação dos Diabéticos Pobres, que é uma espécie de sindicato deles e nunca mais roubou no pêso, lá no talho. Para o distrair levei-o ao cinema ontem. Foi o meu mal. Levei o meu pai ao S. Luiz e êle ficou tão impressionado com a fita que há quatro dias que não vai ao talho porque diz que lhe faz mal olhar para as vitelas autopsiadas. Nos reclamos à fita dis-se que não deve ser vista por crianças e pessoas nervosas mas também lá devia estar a indicação de que não deve ser vista por diabéticos pobres.

Adeus, até para a semana. Cumprimentos do meu pai.

Ignácio da Purificação

P. S. — Mande-me chamar quanto antes para técnico da sua fita. Olhe que o sr. Armando Miranda vai fazer outra fita e consta-me que me quere convidar para seu assistente. Mas eu antes prefiro pôr a minha ciência à sua disposição.

I. da P.

LEITORES:

Preparem-se para assistir à segunda festa do

«Clube do Animatógrafo»

que se realiza ainda êste mês no salão do PALACIO DAS EXPOSIÇOES

A FEIRA DAS FITAS

QUADRO DE HONRA

Nos filmes exibidos em Lisboa na última semana, filmes que se enumeram por ordem alfabética, os críticos de «ANIMATÓGRAFO» chamam a atenção do público para o que neles merece atenção especial

«AMOR A CEM À HORA» (R. K. O.)
— A personalidade de WENDER BARRIE (Diana) embora não aproveitada.

«AS TEORIAS DE SUSANA» (M. G. M.)
— A realização de GEORGE CUKOR.
— O trabalho de ANITA LOOS, que adaptou a peça de RACHEL CROTHERS e JOHN GOLDEN.
— As interpretações de JOAN CRAWFORD, FREDERIC MARCH, RUTH HUSSEY e RITA QUIGLEY.

«EM FACE DO DESTINO» (Paramount)
— A realização de TIM WHELAN.
— As interpretações de BASIL RATHBONE e ELLEN DREW.
— O acompanhamento musical de VICTOR YOUNG.

«MELODIA PARA TRÊS (R. K.O.)
— O valor musical de Schyler Standish.
— A música de Bakaleinikoff.
— A interpretação de Jean Hersholt.

«O DIABO À SOLTA» (Lisboa-Filme)
— A alegria comunicativa de todo o filme.
— As interpretações de JIMMY DURANTE, WALTER CONNOLLY e JOAN PERRY.
— A cena dos telefones com JIMMY DURANTE.
— A calma desconcertante do HOMEM AVESTRUZ.

«As teorias de Suzana»

(Susan and God)

O carácter especìficamente americano — não direi do tema do filme, que é universal — mas dos aspectos exteriores e episódios em que o tema é desenvolvido e tratado, deve enganar muita gente levando-a a supor ficção estravagante e disparatada o que não passa de reprodução objectiva, realista, talvez fotográfica. Só quem ignore totalmente certos pendores de nefelibatismo utopista e ideológico, certas ingenuidades psicológicas, certas seitas delirantes dos americanos — ou melhor dos anglo-saxónicos — pode surpreender-se com o fervor imbecil da heroína por aquela nova espécie de religião feita à pressa, ou pela «cerimónia» celebrada pela Lady-Profetisa e pelos seus *boys*. O êxito obtido na Broadway pela peça de Rachel Crothers e John Golden, donde o filme foi extraído, é a melhor prova das suas qualidades de justa observação, de sátira certeira, de verdade social.

Foi Anita Loos que adaptou a peça ao cinema — e fê-lo com a habitual proficiência. Pena foi que não tivesse procurado fugir completamente à construção teatral. Mas Anita decerto já sabia que o realizador do filme seria George Cukor...

A encenação é de grande categoria, como sempre sucede nas obras de Cukor. No entanto, esta não será das mais recordadas no futuro, por ser daquelas em que a sua personalidade está mais vincada. Note-se porém que não desdoura o prestígio do homem que dirigiu «Jantar às 8», «As Quatro Irmãs», «Romeu e Julieta», «David Copperfield», «Margarida Gautier», «A irmã de minha noiva» e «Mulheres». Longe disso!

Como é habitual nos filmes de «Cukor, a interpretação é excepcional. Há que louvar Joan Crawford por ter aceito o papel que desempenha (e que aliás assenta como uma luva às suas condições físicas) e por o ter interpretado com o brilho e o acêrto com que o interpreta. Frederic March excelente como sempre, também numa figura perfeitamente adequada à sua idade e ao seu temperamento. Ruth Hussey tem ocasião de demonstrar mais uma vez as suas altas qualidades, numa figura secundária. Ruth é uma actriz — e é tão actriz — que consegue fazer-se notar numa simples rábula, como se viu na «Passagem do Noroeste». Noutros papéis, Rita Quigley (a filha), Rita Hayworth, John Carrol, Nigel Bruce, Constance Collier, Bruce Cabot e Marjorie Main. — D. M.

«Em face do destino»

(A Date with Destiny)

Têm público certo esta espécie de filmes que é uso chamar «de terror» — e só essa preferência explica a sua produção, porque de contrário há muito dormiria o sono do esquecimento, nos sótãos dos estúdios, essa requentada tralha do género terrorista: gatos pretos e extravagantes poderes maléficos, ampulhetas e instintos mórbidos, cenários de cemitérios e monstruosidades escalofriantes. Para usar convincentemente tudo isso é preciso o génio de um Poë ou o talento de um Wiene, de um Murnau, de um Epstein.

Ùltimamente tem sido empregado o expediente de misturar o «terrorismo» com o cómico — mostrando-se inteligentemente que não se toma a sério o primeiro. Howard J. Greene, autor do argumento dêste filme, preferiu misturá-lo com o género policial — e mostra também que não toma o «terrorismo» a sério, mas só a partir das primeiras bobines, quando revela a charlatanice do protagonista. Por isso mesmo, o filme «sobe» bastante, desde êsse momento.

Tim Whelan, realizador inglês há tempo em Hollywood, dirigiu a encenação com mão firme e boa inspiração cinematográfica. Especialmente a partir do momento em que o género policial fica sòzinho em campo, a sua realização é felicíssima. Note-se por exemplo como é bem contada a segunda metade da intriga. Há que observar no entanto que os seus colaboradores foram auxiliares preciosos, em especial Ted Tetzlaff, o operador, Victor Young, autor do acompanhamento musical, e Hans Dreier e Robert Msher, decoradores.

As interpretações de Basil Rathbone e Ellen Drew estão à altura dos créditos dos dois artistas. Pena é, no entanto, que façam perder tempo a Basil Rathbone com papéis como êste, quando tem recursos para mais altos cometimentos. — D. M.

«Melodia para três»

(«Melody for three»)

Uma fita musical de «via reduzida», aproveitando as magníficas possibilidades musicais do pequeno violinista Schuyler Standish mas tendo, em contra-partida, de se defender da sua inexperiência de actor. Dizemos muito propositadamente inexperiência porque Standish não nos parece desprovido de talento nem de presença de actor, mas anda quási sempre contrafeito. Sem que tal se pretendesse, Jean Hersholt, pela qualidade da sua interpretação, transforma-se na figura central do filme. Fay Wray secunda-o com interêsse.

A música, tanto no valor do acompanhamento como nalgumas melodias originais, apresenta qualidade superior à do filme. É seu autor Bakaleinikoff, que merece por isso os nossos aplausos. — F. G.

«Amor a cem à hora

(«Cross Country Romance»)

Ninguém como os americanos têm aperfeiçoado o sistema de fazer fitas por receita. Duas situações da categoria A, três gags da categoria B, uma complicação X, uma cena nova e fica uma fita. Claro que sai um filme igual a muitos outros, um filme vulgar, com todos os atributos característicos das coisas vulgares. «Amor a cem à hora» é uma fita das que não adianta nada, assente, numa intriga «à americana» tôda artificial, delineada e dirigida pela certa com a preocupação de fazer barato, modesto de cenários, de «cast» e de «miôlo». Os principais intérpretes são Gene Raymond — o marido de Jeannet Mac Donald, que aparece com o cabelo castanho e parece mostrar progressos a representar, e a simpática e insinuante Wendy Barrie, cheia de interêsse, a deixar adivinhar talento e personalidade mas, como sempre, sem papel para mostrar maiores qualidades. — F. G.

«O Diabo à solta»

(Start Cheering).

Mais uma vez se prova serem os americanos grandes mestres na construção dum espectáculo cinematográfico.

Start Cheering é a confirmação, se é que ela é necessária, duma opinião geral. A série de *sketchs* intercalados no decorrer do leve fio anedótico e que foi imaginado propositadamente para os ligar entre si, resultam plenamente conseguindo, portanto, atingir o fim previsto: — divertir o público.

Logo no início há um bom momento cómico que Jimmy Durante anima com a sua conhecida veia de grande intérprete do riso. E a seguir, até ao final, é um nunca acabar de complicações, de *sketchs* que dispõem bem o público.

No elenco harmoniosamente organizado há que destacar o célebre *Homem Avestruz* que nos diverte extraordinàriamente com a sua mania de comer papel, e especialmente quando, com tôda a elegância, devora uma caixa de cartão.

Gertrude Niesen, grande vedeta da rádio canta alguns bons números e Jimmy Durante, Walter Connolly, Joan Perry, Charles Starrett e Johnny Green e a sua orquestra completam o *casting* desta produção da Columbia que Albert S. Rogell dirigiu.

A história, já demos a entender, nada oferece de inédito, mas a alegre fantasia de que todo o filme se encontra recheiado é de tentar o público nestes dias de calor. — J. M.

ANIMATÓGRAFO não se julga na obrigação de criticar todos os filmes que se exibem entre nós.

A omissão de alguns não representa necessàriamente uma atitude crítica determinada.

A ARTE DE VER UM FILME (V)

(Cont. do número anterior)

Vem depois a iluminação do assunto. É pelos golpes de luz que o realizador cria beleza e volume na imagem plana. Um bom jôgo de luzes e de sombras dá ao espectador a sensação de perspectiva, de profundidade, — de relêvo, até. O operador cinematográfico materializa a ideia do realizador e, como técnico, executa a distribuïção das luzes — problema complexo e que obedece, em parte à visão artística, em parte a leis matemáticas e físicas.

Graças aos recursos de que hoje dispõe o Cinema, a câmara de filmar goza duma liberdade condicionada — digamos — pois ela foi estudada e está registada na planificação para ser executada no estúdio. Quando a câmara se desloca, evolucionando no local de filmagem, o espectador deliciar-se-á se reparar na sua marcha, que parece levá-lo por entre as personagens e os cenários. Limitamo-nos a chamar a atenção do espectador para êsses movimentos que constituem, muitas vezes, autênticas e maravilhosas viagens... através do impossível... Repare neles, sempre como espectador, isto é: sem se interessar por conhecer o modo porque foram conseguidos.

5

Chegou o momento de falar da fotografia e de chamar para ela a atenção do espectador, a quem, o hábito de ver formosos quadros a preto e branco ou a côres fez crer na facilidade e até trivialidade da arte de fotografar.

Está hoje tão vulgarizada a fotografia, é ela uma distracção tão popularizada e universalizada, que sem dúvida interessa ao espectador que possui uma Leica ou à espectadora que se entretem aos domingos com o seu Kodak reparar na beleza plástica de cada imagem projectada. E até o espectador indiferente à prática da fotografia ganhará algo se embeber a vista na beleza harmoniosa dos quadros reflectidos na tela.

Vamos, senhor amador fotográfico, repare na pureza do filme quási sem grão e na luminosidade, na profundidade de campo e no recorte das objectivas empregadas na filmagem! Veja como foram solucionados problemas que às vezes o apoquentam e delicie-se com o emprêgo dos filtros que às vezes lhe criam imagens quási irreais. Diante dos seus olhos passa um catálogo que deve ler com atenção: filtros de correção, filtros de contraste, filtros neutros, filtros tricolores (se o assunto é filmado a côres)...

Interessa-lhe o retrato? É um estudo difícil mas deveras apaixonante para o amador fotográfico, como o soneto para o aprendiz de poeta. Pois abra os seus olhos, abra-os bem, como lá diz o Alcorão, e delicie-se a analizar as obras, quantas vezes impecáveis, assinadas por nomes célebres. Veja como a luz foi colocada para se obter a modelação da figura, observe a maneira como se iluminou o fundo para dar beleza ao quadro e relêvo ao assunto; verifique quando e porquê se desfocou tudo o que está para além do motivo principal...

A luz — a luz é a preocupação eterna de todo o criador de obras de arte plástica. Ela é necessária à pintura, à fotografia, à própria arquitectura. Porisso, as distribuïções de luz no Cinema valem como soluções de complicados problemas de arte. Nos filmes monocromos, porque é com a luz que o realizador e o operador vão criar a ilusão da profundidade e do volume; nos filmes bicromos e tricromos porque uma distribuïção harmoniosa de luzes e de côres trará a harmonia e a beleza da imagem e, conseqüentemente, do filme.

Mas não estamos apenas a falar de fotografia, ou seja de «registo de luz», estamos, sim, a tratar de cinematografia, ou seja do «registo (fotográfico) do movimento». Queremos com isto frizar que nem só a fotografia e a luz interessam ao trabalho do operador: há ainda a considerar a maneira como êle soube dirigir a sua câmara. Esta desloca-se para seguir um artista, um veículo, um objecto; foi êsse movimento executado com segurança e mestria? Há pequeníssimos fenómenos que são sublinhados por movimentos apenas perceptíveis da câmara de filmar e que, por isso, ganham um relêvo extraordinário.

Nos letreiros de apresentação lemos, freqüentes vezes, a designação «efeitos especiais» ou «efeitos fotográficos especiais». Dizem respeito a determinadas trocagens de que a retina do espectador se não apercebe mas que o crítico e o cinegrafista não podem deixar de notar.

Aconselhamos, no entanto, o espectador a não tentar profundar os mistérios da trucagem. Em primeiro lugar, porque todo o maravilhoso perderia o interêsse. Em segundo lugar porque é regra geral ver o espectador trucagem onde ela não existe e não a assinalar quando ela faz sentir a sua prensença. Não faça o disparate de dizer como um espectador imberbe disse em face duma cena dum jornal de actualidades em que aparecia o «Normandie» em pleno oceano:

— Ih! que mar tão mal feito!

Nem como um crítico que nos dizia certa vez ser exacta a reprodução das ruas de Broadway em determinado filme, quando êle estava a ver, pelas janelas do cenário, não uma reprodução mas três telas onde se efectuava a projecção duma autêntica cena de rua.

Não se preocupe o espectador vulgar com êsses tais efeitos especiais, — e interesse-se antes pelos cenários e pela indumentária, que são bem dignos da sua atenção e exame.

A indumentária ainda merece uma olhadela por parte dos homens e uma análise cubiçosa por parte das senhoras que ficam deslumbradas com certos modelos. Mas os cenários... ah! os cenários não preocupam muito o espectador, que, desde que não fique chocado com êles, os considera a obra mais vulgar, ou pelo menos mais natural, dêste mundo. E, no entanto, o cenário merece tôda a sua atenção. Ali se cria o ambiente, ali se dá a «atmosfera» do filme, ali vão actuar figuras que impressionarão o público...

Repare que os cenários não são quadrangulares, género «caixa de fósforos», mas têm vários recantos, escaninhos e desvãos. A razão de ser de tal facto reside na necessidade de evitar a monotonia e de conseguir dar perspectiva e volume ao assunto. Essa irregularidade arquitectónica, tão agradável à vista, origina grande cópia de «ângulos» e de planos variados e permite distribuïções de luz interessantíssimas, que embelezam o assunto e valorizam a fotografia.

Cuide também de ver com atenção a indumentária e o modo como os artistas se vestem. Repare nos modêlos criados pelos figurinistas e no bom gôsto e na aparente simplicidade de cada um, a que o actor sabe emprestar elegância e distinção.

O hábito não faz o monge — diz um provérbio nacional, que está em contradição com outro, alemão, que afirma : — O hábito faz o monge. De facto, a indumentária define, em parte, o indivíduo. Balzac dizia que a gravata é o homem. E o público, que tem no Cinema uma enciclopédia de artes, ciências, usos e costumes, ganhará bastante se aceitar a lição da arte de vestir com simplicidade e sem atavios, e se fixar a lição dum quadro histórico onde lhe mostrem indumentárias de recuadas eras.

(Continua no próximo número)

MOTA DA COSTA

PREGUNTAS DE ALGIBEIRA

Estão aqui oito «tests». A cada um dêles vão apensas várias soluções: uma só, porém, está certa. Pelo tempo que ao leitor fôr necessário para as encontrar, pode julgar das suas qualidades de memória e da extensão dos seus conhecimentos.

ANIMATÓGRAFO estabelece 25 pontos a cada resultado certo. A soma dos pontos obtidos representará o grau de categoria cinéfila do leitor.

Damos a seguir a tabela de pontos:

200 — cinéfilo distintíssimo.
150 — cinéfilo distinto.
125 — cinéfilo razoável.
100 — cinéfilo sem mais nada.
75 — cinéfilo nas horas vagas.
50 — cinéfilo... mas talvez não.
25 — cinéfilo manhoso.
0 — não é, com certeza, cinéfilo nem leitor do «ANIMATÓGRAFO».

É pôsto isto, vejam se sabem responder:

1 — Qual a data do aniversário natalício de Norma Shearer? É a:

— 4 de Julho?
— 31 de Fevereiro?
— 5 de Outubro?
— 10 de Agosto?

2 — Em que estúdio trabalha Alice Faye?

— Metro Goldwyn Mayer?
— 20th Century Fox?
— Paramount?
— Warner Bros?

3 — Nos filmes da «Família Hardy», qual é a actriz que interpreta o papel de namorada de Mickey Rooney? É:

— Ann Rutherford?
— Gloria Jean?
— Hedy Lamarr?

4 — Esta frase: «O sr. escreve o seu nome com um F ou com dois FF» é tirada de que filme?

— «Homens de amanhã»?
— «João Ratão»?
— «Anda tudo doido»?
— «Ninotchka»?

5 — Quem era a parceira de Clark Gable em «Irmã Branca»? Era:

— Constance Bennett?
— Joan Crawford?
— Helen Hayes?
— Margaret Sullavan?

6 — Joan Blondel, casada com Dick Powel é divorciada de quem? Do:

— Realizador Mervyn Le Roy?
— Operador George Barnes?
— Produtor Stromberg?
— Actor George Brent?

7 — Quem era o parceiro de Ginger Rogers em «Mãesinha à fôrça»? Era:

— Cary Grant?
— David Niven?
— Charles Boyer?
— James Stewart?

8 — Qual é a vedeta que nunca aparece nas reüniões mundanas de Hollywood?

— Bette Davis?
— Norma Shearer?
— Greta Garbo?
— Claire Trevor?

O Correio de Bel-Tenebroso

Tôda a correspondência desta secção deverá ser dirigida a BEL-TENEBROSO — Redacção de «Animatógrafo» — Rua do Alecrim, 65 — LISBOA

887 — DOIDO POR MÚSICA. — Calculo quanto terás esperado por esta resposta! Tem paciência. Às vezes, tardam. Mas aparecem sempre. — *O leão tem asas* era um filme curioso. Mas no género de aviação, que tu tanto aprecias, *Heróis de Hoje* era *notável!* — Podes tratar-me por «tu». É menos protocolar a fórmula. Está, portanto, mais dentro do espírito de amizade e camaradagem que informa as relações entre *Bel-Tenebroso* e os seus leitores.

888 — UMA GAROTA ENDIABRADA. — Os teus «embaixadores» entregaram-me a tua nota de protesto. — Gloria Jean nasceu em 14 de Abril de 1928. — «O rapazito muito simpático que apareceu na *Canção da Terra*» chama-se João Manuel. Voltámo-lo a ver, já um homenzinho, em *A Varanda dos Rouxinóis.* Hoje, se não está em idade casadoira pouco lhe falta para lá chegar.

889 — DAISY. — Os filmes de Deanna Durbin são os seguintes: *Todos os Domingos* (2 partes), *Três Raparigas Modernas, Cem Homens e uma Rapariga, Doida por Música, A Idade das Ilusões, As Três Raparigas Cresceram, O Primeiro Amor de Gata Borralheira* e *Data Memorável,* todos já exibidos em Portugal. Na próxima temporada, veremos *Spring Parade* e *Nice Girl.* — A lista dos filmes de Charles Boyer é muito mais extensa. Alguns dos mais notáveis: *A Imperatriz e Eu, Liliom, O Jardim de Allah, Mundos Íntimos, Xangai, O Ladrão na Noite, Maria Walewska, Mayerling, O Veneno, Quando o outro dia chegou, Tovarich,* etc. — Escreve, pois com todo o prazer te responderei.

890 — MERRILY WE LIVE (*Évora).* — Mesmo que tivesse esquecido, seria incapaz, em face duma carta tua ou doutro qualquer leitor, comentar como tu supunhas: «o que quererá êste palerma?!» — Infelizmente, não temos forma, na Redacção do «Animatógrafo», de dar solução ao teu caso. No entanto, um conselho: «não venhas para Lisboa, à aventura»!

891 THE SAINT IN OPORTO (*Pôrto).* — Fox Filmes, Ld.ª e Radio Filmes, Ld.ª: Avenida Duque de Loulé, n.º 95, Lisboa — Estás em tôdas as condições para ser meu consulente. Para tentar basta que me escrevas.

892 — PRINCIPE HERDEIRO *(S. João da Madeira).* — «Porque motivo só frequentas o cinema Odéon, quando vens a Lisboa?» Mas estás enganado, príncipe amigo! Eu é que devia fazer-te a pergunta... — De todos os filmes de Capra, prefiro *Doido com juízo.* — *Assim nasce um povo* é um bom filme. — Gostei muito da Deanna, em *O Grande Amor de Gata Borralheira.* Da Deanna, gosto de tôda a maneira...

893 — JANET GAYNÓRFILA. — Compreendo perfeitamente a tua desolação pela demora das respostas. Mas não há remédio, por agora. Tem paciência, pois. — *Suez* é um bom filme, mas ficou àquem do que dêle o mundo esperava. — Entre *Pão Nosso* e *João Ratão,* não há dúvidas. O segundo é incontestavelmente muito superior.

894 — OUBLI *(Penafiel).* — Não me parece fácil, obteres as letras das canções de Josephine Baker que desejas.

895 — NITUCHA *(Lisboa).* Obrigado pelas palavras de admiração *(tão mal empregadas!)* que dedicas à minha pessoa e à minha paciência evangélica. Porque motivo é que os realizadores e produtores só curam de descobrir novas estrêlas, para o cinema, e não se preocupam com a revelação de novos astros?! A observação é pertinente. De facto, a percentagem de vedetas-mulheres que a tela revela é muito superior à dos galãs. Concluímos daqui, várias coisas: 1.º) que o cinema «consome» mais mulheres do que homens; 2.º) que os homens resistem mais ao tempo e à moda; 3.º) que os galãs são mais raros do que as ingénuas *(a despeito de na vida real estas serem mais raras do que as galinhas de ovos de oiro...).* No meu entender, de vez em quando, os homens dão um ar da sua graça: os três Roberts (Taylor, Cummings e Stack) são exemplos flagrantes. A propósito: já reparaste na predilecção que os galãs têm pelo nome de Robert? Fatou quási resolvido a mudar de nome, só para ver se Hollywood me contrata.

896 — SWING CINÉFILO *(Pôrto).* — O Director do *Animatógrafo* não se esquecerá dos cinéfilos da «Nova-Guarda», como tu dizes. — *Swing Cinéfilo* deseja corresponder-se com leitores e com leitoras da nossa revista, e, nomeadamente, com *Eterna Garota.*

897 — O. R. RIBEIRO *(Lisboa).* — A intéprete de *A Virgem Louca* foi Marie Bell. — Isabella Tovar receberá, com o maior prazer, o teu pedido de foto. Escreve-lhe, por intermédio da nossa revista.

898 — I LOVE YOU, HELEN. — Fizeste bem em não cortar relações comigo, por causa da demora das respostas. Dizes tu que há «favoritos», como por exemplo o *Luiz XV.* Calúnias, amigo, calúnias... — A lenda de que o cinema estraga a vista de dia para dia perde consistência. A princípio, quando a aparelhagem de tomadas de vista e de projecção era deficiente, não te digo que o cinema fôsse benéfico para os olhos. Hoje, com a fixidez da projecção e o brilho da técnica de tomada de imagens, o cinema não faz mal seja a que olhos fôr... — Procurarei obter as letras que pedes.

899 — REY... SEM TRONO *(Lisboa).* — Arletty é uma vedeta francesa que tem aparecido em vários filmes. A sua coroa de glória é *Le Jour se lève,* com Gabin, que veremos na próxima época. — Ignoro a existência do filme que citas: *O Despertar duma estrêla.* — Julien Duvivier é um dos mais notáveis realizadores franceses. Alguns dos seus melhores filmes: *Allô Paris, daqui Berlim, Poil de Carotte (O Ruivo), O Paisinho, Maria Chapdelaine, A Grande Valsa, A Carroça Fantasma,* etc. — Creio bem que nunca verás o *Homem do Ribatejo.*

900 — OLIVA PALITO. — Já tive ensejo de agradecer o típico «recuerdo» que me mandaste pelo Natal, sobretudo pela ideia, graciosa, e digna de ti! Não sabia que as alentejanas eram, como tu dizes, «desconfiadas». Mas registo para tomar precauções... — A tela vem, por vezes, de encontro às nossas inquietações e aos nossos anseios. Quantas vezes os filmes nos dão sugestões ou soluções, que até aí buscávamos sem encontrar. — Achei muito engraçado o teu caso sentimental. Felicito-te, pela mutação. — Há filmes que se vêem uma vez (e basta!) e outros que não cansam... *Mãesinha... à fôrça,* que reviste, está na última categoria.

901 — GERALDO CHEIO DE PAVOR *(Évora).* — Fizeste muito bem em persistir em me escrever. Com todo o prazer, estou pronto a responder-te. — Tens razão na tua observação. Eu também gostaria que os meus leitores revestissem os seus pseudónimos dum nacionalismo, que a hora presente manda afirmar, seja em que oportunidade e circunstâncias fôr. — Quanto ao têrmo «chatice», que tanto te deu no gôto, não é tão condenável como tu supões. Longe de o aconselhar, sempre te digo que Cândido de Figueiredo regista *chato,* no sentido de *trivial, banal, corriqueiro.* — Mas pregunto eu? Isto é o Correio de Bel-Tenebroso ou o consultório dum filólogo?!...

902 — ? — A leitora que me mandou uma «oração» para copiar sete vezes e enviar a outras tantas pessoas, tenho o desgosto de comunicar que a mesma foi direitinha para o cesto dos papéis. Não me faltava mais nada: copiar sete vezes uma carta — e impingi-la a outros tantos amigos!

903 — GALÃ EM RIO MAIOR *(Rio Maior)* — Pasmo amigo, como os nossos cineastas não te foram ainda buscar, sabido a falta de galãs que há por êsse mundo fora, e nomeadamente em Lisboa! — A Deanna Durbin nasceu em Winnipeg (Canadá). É portanto subdita de Sua Graciosa Majestade.

904 — CAVALEIRO SOLITÁRIO *(Setúbal).* — Podes escrever-me sempre que queiras. Ficas inscrito no número dos meus consulentes. — Escreve a Graça Maria, ao cuidado da revista *Animatógrafo,* Rua do Alecrim, 65.

905 — REI DO FLIRT *(Pôrto).* — Com que então não querias mais nada?! Tôdas as semanas filmes da categoria de *Ninotchka.* Era bom, era! Mas tomara eu que o cinema nos dê obras notáveis, no ritmo das que ùltimamente nos têm facultado. A temporada que agora finda tem sido excepcional. Oxalá a que se inicia em Outubro nos possa favorecer com bons filmes, na proporção registada na época de 1940-1941. — Como «achei» a Vivien Leigh? Um amor! — A tua amiga Rita Hayworth que já apareceu esta temporada em papéis de segundo plano, aparecerá na temporada que vem, ao lado de Fred Astaire, no seu mais recente filme.

906 — ALMA ERRANTE. — A tua opinião sôbre *Mulheres é muito feminina:* «nota-se a falta dos homens!» Como lídimo representante do sexo paradoxalmente chamado forte, não posso deixar de te agradecer: «*Obrigado, Alma Errante*» E agora, à maneira de batalha de flores, aqui te devolvo as rosas que me atiraste: «sabes por que não gostei de *O Conde de Chicago?* Porque senti a falta das mulheres, a despeito de estarem representadas simbòlicamente por um dos seus atributos mais belos: as pernas». aqui para nós, deixa-me dizer-te que as tais pernas tinham sido escolhidas num concurso celebrado entre 10.000 raparigas. À tardinha no Chiado, encontram-se, aos pares, tão bonitas e tão bem calçadas, como as pernas-vedetas, as pernas-cinéfilas do filme do Montgomery.

907 — ZÁZÁ *(Lisboa)* — O teu pseudónimo, com o sub-título «menina cinéfila», assustou-me. Mas foi só por um instante... — Fico à espera da tua carta «muito grande e com outra letra». Ainda bem, porque esta pareceu-me muito disfarçada...

908 PRINCESA DO PATIM. — Com a crise de reinos e principados que vai pelo mundo, quem queira ser Princesa tem que começar a deitar as vistas para outro lado... Mas *Princesa do Patim,* parece-me um exagêro, uma exagerada modéstia da tua parte... — Abençoadas saudades que te fizeram escrever-me... — *Leão tem asas* é a tradução literal do título *The Lion has Wings,* título que vem provar que pode deixar de ser uma quimera aquela frase que se costuma dizer às crianças, para as distrair de qualquer ideia fixa: «olha, ali, meu amor, um coelhinho a voar...» — Todos os filmes de Sonia Henie têm como parte obrigatória exibições de patinagem. Também no filme *O Turbilhão do Gêlo,* da Crawford, há admiráveis exibições de patinagem (artística, espectacular e acrobática), das mais belas que o cinema nos tem revelado.

Bel-Tenebroso

A MEGALOMANIA NO CINEMA

(Cont. da página central)

apenas procurar produzir, sem outras preocupações nem embaraços, sem rivalidades nem desconfianças, e sem fantasiosa vaidade, o que muito correctamente, muito modesta e honestamente, nos é palpàvelmente possível.

Poderíamos ter assim a boa farsa, o bom documentário, a boa comédia de costumes, sem termos a pretensão de realizarmos fitas de grande estilo ou projecção universal, enquanto não tivessemos os meios indispensáveis para não caírmos, involuntàriamente, na baixa imitação ou na caricatura.

E não tornemos a pensar em «filmar» os «Lusíadas»!...

Felizmente que tal ideia morreu à nascença, como um dos mais espantosos casos de megalomania que o cinema tenha provocado.

O filme histórico é, certamente, o de mais difícil e exigente realização.

Quando as grandes organizações se empenham em realizar o filme histórico, apesar de disporem de meios portentosos de capital, de pessoal, de técnica, nunca deixamos de lhe encontrar deficiências, nunca deixa de surgir a pontinha de ridículo, pelo menos numa ou outra cena, num ou outro pormenor em que, falhando a sugestão do tempo em que o filme se passa ,tudo sai errado e caricatural.

Nas nossas aldeias de Trás-os-Montes fazem-se umas representações a que chamam «colóquios» ou «estrelóquios», que são interpretados por tôda a população duma aldeia e reünem, a assistir, o povo de sete léguas em redor.

A *peça*, o entrecho, ou é a vida de um Santo, ou a vida de Cristo, ou um drama do romanceiro, da lenda ou da Tradição.

Representa-se em geral ao ar livre, dura um dia inteiro, o «estrelóquio», e o público ali está, a pé firme, seguindo apaixonadamente o desenrolar do enrêdo.

Assisti uma vez, por exemplo, a um dêsses «estrelóquios», numa aldeia mirandesa, em que se representava um drama das velhas lutas entre cristãos e moiros, dos amores lendários dum príncipe cristão e duma princesa moira.

No enorme largo da aldeia estavam armados dois grandes palanques de dois andares. Um era o palácio do rei cristão, Velasco, outro o do rei moiro, Almansor.

No segundo andar, entre colchas e grinaldas, está o rei e a sua côrte.

O rei Velasco veste à Veneziana do século XIV e a filha, a seu lado, está tôda vaidosa com o vestido da última moda que lhe emprestou a senhora professora, enquanto «o almirante» ostenta uma farda de oficial de marinha de grande uniforme e um chapéu alto cinzento.

Do lado do rei Almansor estão todos vestidos de chita vermelha, e o rei tem na cabeça uma enorme coroa, hàbilmente feita de cordões de oiro, libras e peças, todo o oiro daquela e das aldeias próximas.

Quando chego, anda num dos palanques um sujeito de fraque e chapéu de côco, espécie de Charlot sertanejo, a dizer o prólogo, em que já se conta a história tôda, em duzentos ou trezentas quadras, que me dão tempo para ir almoçar, sem perder o melhor da representação.

À volta encontro o largo cheio de cavaleiros, fardados de guardas fiscais e com capacetes de bombeiros. São os cavaleiros do rei Velasco, comandados pelo almirante que, em frente do palácio do rei mouro, e' em nome do seu rei, lança àquele um tremendo desafio de mistura com os maiores insultos, pragas e ameaças.

A seguir atravessam o largo os cavaleiros do rei mouro que vão devolver e repetir ao rei cristão, o melhor que podem, as ameaças, as pragas, os insultos e o desafio.

Depois é a guerra, um *chinfrim* em que andam todos envolvidos, com muito mêdo de se magoarem uns aos outros, e em que os mouros *cortam as cabeças aos cristãos*, apresentando ao seu rei, como demonstração, os capacetes de bombeiros em bandejas e bacias esmaltadas.

Quando já me preparo para ir embora, porque é quási noite, está prêso o «almirante» no palanque do rei Almansor, e o príncipe cristão encontrou-se com a princesa moira, no meio do largo, enquanto os reis e os das suas côrtes olham simbòlicamente para o outro lado.

Não, não tornemos a pensar em filmar os «Lusíadas», porque caíriamos inevitàvelmente... no «estrelóquio».

ACÁCIO LEITÃO

Mais alvitres...

(Conclusão da pág. 6)

tão em condições monetárias suficientes para satisfazer os, para êles, avultados preços dum cinema de estreias.

E a resposta viria noutro alvitre:

— Não se poderiam fazer espectáculos gratuitos ou baratíssimos exibindo os filmes citad s a que apenas assistiriam os jovens a quem êles eram dedicados?

Para os adultos que possuissem dinheiro existiam os outros cinemas onde se exibiria o mesmo filme.

Conseguia-se assim duas coisas:

— Aperfeiçoar o cinema em Portugal e dar soberbas e boas lições a êsses rapazes.

E tenho a certeza que delas se aproveitaria mais que das palavras, porque a eloqüência das imagens fá-los-ia dizer:

— É mentira, mas... poderia acontecer.

Cervantes disse: «Não há escrito tão mau que não tenha alguma coisa de bom». É essa a minha maior esperança! Deus queira que alguma coisa de bom isto possua. É o voto do

CAVALEIRO DO IDEAL

«O Pai Tirano»

(Cont. da página central)

guarda-livros magro e sêco, mas comilão, é Joaquim Prata, a criada «Laura», fresca e arrebitada, é Laura Alves, a tímida e apaixonada «Gracinha» é Graça Maria, o «Machado» contra-regra esquecido, é o Armando Machado, o «Seixas» da secção de vidros é Seixas Pereira, a Idalina da Perfumaria da Moda é Idalina de Oliveira. Há ainda Tereza Gomes que interpreta o papel duma «Tereza», governanta dum palacete da Lapa, e Emília de Oliveira é a «D. Emília», madrinha da Tatão.

Alguns escapam, e parece que os nomes não acertam. Leonor Maia, por exemplo, interpreta a «Tatão», caixeirinha gentil e cinéfila da «Perfumaria da Moda» por quem o «Chico» tem uma paixão , «uma paixão funesta, dirá c Santana». Mas até o nome da Tatão foi escolhido obedecendo ao mesmo critério — ficando por dizer porque... mas são segrêdos que não se podem desvendar.

Que o público quando vir «O Pai Tirano» vai rir e rir com boa graça — «Animatógrafo» garante desde já. Vão ver uma fita lisboeta passada ali, entre a mais popular e famosa organização comercial — o Grandela — e um dos mais chiques e falados estabelecimentos do Chiado — a Perfumaria da Moda. Vão assistir às peripécias dos seus heróis entre o Chiado e o Alto de St.ª Catarina, entre o Camões e a Lapa.

A esta hora, leitor que acabas de comprar o «Animatógrafo», está a correr o primeiro dia de trabalho, no estúdio, da fita «O Pai Tirano». Talvez o Santana e o Chico estejam a vender algum par de botas a um freguês lá na sapataria. Isto já de si é importante. Mas muito mais importante é o Cinema Português ter descalçado o apertado par de botas em que há tanto o haviam metido. Começou a produção contínua de filmes sonoros em Portugal.

«Animatógrafo», sempre o gritou aos quatro ventos, nasceu para a ver nascer. Vingaram ambos. «Animatógrafo» vai agora viver para servir a produção contínua portuguesa, o nosso cinema. Tôdas as semanas aqui se irá dando conta do que se passar pelas filmagens.

Vá o leitor contar a quantos amigos encontrar, se é na verdade cinéfilo, se quere na verdade cinema português, que hoje, dia de saída do «Animatógrafo», começou a produção contínua em Portugal.

Panorâmica

(Conclusão da pág. 7)

os incitamos a inscreverem-se como assinantes.

Aliás, estamos elaborando os estatutos do nosso «Clube». E no capítulo «Deveres dos Sócios», o primeiro dêles todos será êste:

ASSINAR O «ANIMATÓGRAFO».

Um inquérito aos leitores

«Animatógrafo» nasceu para servir uma ideia: a de valorizar o Cinema e, muito especialmente, o Cinema português, aos olhos duma determinada classe do público.

Jornal «cinéfilo», no sentido nobre da palavra, nunca transigiu nem transigirá com o «costume», com as preferências da chamada «maioria».

Mas a verade é que «Animatógrafo, devido ao seu êxito indiscutível, atingiu mesmo um público que não pretendia cativar, podendo hoje dizer-se que, comprado ou emprestado (o que influi na sua tiragem mas não diminui o seu alcance...), é lido por todos os que se interessam pelo Cinema e o freqüentam com assiduïdade.

De modo que, sem transigir, é justo que procure averiguar o que gostariam os seus leitores de encontrar nas suas páginas.

Para isso, vai organizar um grande inquérito, que servirá para tirar conclusões elucidativas àcêrca das preferências do público ledor, e lhe dará a norma mais indicada para a sua orientação.

Êsse inquérito será apresentado dum modo inteiramente original, como é timbre do «Animatógrafo». E aproveitar-se-á o seu êxito — que auguramos grande — para depois procedermos a outros onde se farão algumas preguntas indiscretas. Dentro de poucas semanas — uma ou duas — para aproveitarmos a época das férias, diremos a maneira de responder a êsse inquérito.

PREGUNTAS DE ALGIBEIRA

(Soluções)

1 — 10 de Agosto. Ela tem 37 anos.
2 — 20th Century Fox.
3 — Ann Rutherford.
4 — «Ninotchka».
5 — Helen Hayes.
6 — Operador Stromberg.
7 — David Niven.
8 — Greta Garbo.

actualidades



«MAJOR BARBARA» é um filme extraordinário, adaptado da célebre peça de BERNARD SHAW. Esta fotografia apresenta-nos o actor ROBERT NEWTON na figura do protagonista, ao lado de quem reaparece WENDY HILLER, a inesquecivel intérprete de «PIGMALIÃO»



GINGER ROGERS joga a laranjinha... Joga, mas não é dos seus desportos predilectos. Se o pratica — conforme o prova esta fotografia — é por exigência do argumento do seu novo filme «TOM, DICK and HARRY», recentemente concluído para a RKO



Dissemos no número anterior que Hollywood possui dois novos cómicos: LOU COSTELLO e BUD ABBOTT. Hoje, podemos publicar a vera efígie dos dois artistas, que contracenam com DICK POWELL na nova comédia da Universal, «IN THE NAVY»

Animatógrafo

DIRECTOR: ANTONIO LOPES RIBEIRO



DIANA LEWIS, mulher de WILLIAM POWELL, e que vai aparecer num filme da série FAMÍLIA HARDY, da M-G-M

ÊSTE NÚMERO CONTÉM UM RETRATO-BRINDE: ANN SHERIDAN